



Thering, Rodolpho von
Historia natural dos
mais interessantes ani-
maes do Brasil. 591.81

591.81
I 25 h





SciELO

RUDOLPHO VON IHERING

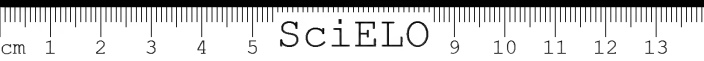
HISTORIA NATURAL

DOS MAIS INTERESSANTES ANIMAES DO BRASIL



S. PAULO-EDITORIA LIMITADA
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 78

8304





INTRODUÇÃO

Euzo bastante generalizado ser o auctor de um livro o primeiro a desfazer-lhe os meritos — da parte de uns por verdadeira modestia, de outros para garantir o exito do “fishing for compliments”.

Faremos justamente o contrario.

Demonstrada a necessidade da elaboração de um Vocabulario zoologico, mais facilmente encontraremos excusa para o nosso arrojo, dando á publicidade o que está longe de ser o que o titulo adoptado deveria abranger. Já em 1914 haviamos permittido a impressão de uma edição preliminar, do que consideravamos apenas o esqueleto da obra planejada. Com todas as suas deficiencias foi, ainda assim, bem recebida pelos interessados, taes como medicos, hygienistas, professores e agricultores, ao quaes convinha semelhante arranjo practico para consultas ligeiras; tambem aos caçadores e amigos da natureza em geral, parece que agradou a explicação zoologica ou theorica do que já sabiam pela observação da nossa fauna ou do que procuravam conhecer mais detalhadamente a respeito da nossa “bicharada”. Certos, pois, de que fariamos trabalho util a uns, agradavel a outros, tencionavamos proseguir na elaboração final do manuscripto, quando a grande guerra, em uma das suas mais curiosas consequencias, sob forma de guerrilha de intrigas e mentiras, nos obrigou a dar por finda a nossa dedicação ao Museu Paulista.

Dahi por diante só nas horas de lazer e a titulo de recreação intellectual pudemos, lentamente, avolumar e retocar o Diccionario. No emtanto vae uma differença sensivel entre o primeiro esboço e o que hoje apresentamos. Duplicamos o numero de vocabulos colligidos e extendemos o texto, de forma a conter cada definição pelo menos o essencial, referente á biologia de cada especie mais conhecida ou mais interessante. Esta ultima affirmação requer desde logo uma explicação, que corresponderia ao enunciado da norma adoptada para a elaboração do livro. A essas normas nos referiremos mais adiante, porque, antes de tudo mais, queremos desobrigar-nos de um dever de gratidão, o qual ao mesmo tempo nos proporciona o vivo prazer de saudar os muitos amigos que coadjuvaram, de varios modos, na elaboração de presente trabalho. Revendo o manuscripto, apontando lacunas e falhas, fornecendo-nos dados valiosos e franqueando-nos suas bibliothecas, auxiliaram-nos efficazmente os Snrs.



SciELO

Dr. Arthur Neiva, Prof. Lauro Travassos, Drs. Cesar Pinto, Jesuino Maciel, Franco da Rocha, J. Carlos Macedo Soares, Alarico Silveira, Amadeu Amaral, Benedicto Calixto -|- (S. Vicente), Francisco Dias da Rocha (Ceará), Diogenes Caldas (Bahia), Wilson da Costa -|- (Marranhão).

Ao prezado collega Dr. Arthur Neiva, especialmente, devemos não só valioso auxilio material, como ainda paciente collaboração, que muito augmentou nossos conhecimentos a respeito da fauna e da nomenclatura bahiana e do Nordeste. E, mais do que tudo isto, nos foi precioso o constante interesse com que os illustres amigos acompanharam nosso trabalho, encorajando-nos a ponto de nos fazer crer na utilidade do mesmo, quer como elemento de propaganda entre os nossos patricios em prol da diffusão do amor aos estudos biológicos, quer como bom serviço prestado ás letras dos nossos brasileirismos.

* * *

Ficamos por longo tempo indecisos quanto á feição que deveriamos dar ao texto explicativo deste Vocabulario, cuja utilidade, no entanto, se nos afigurava evidente, dada a escassez de melhores fontes literarias para o estudo da nossa zoologica por parte do leigo interessado.

Não nos propunhamos fazer trabalho zoologico que encerrasse todos os dados até hoje colhidos pelos scientistas, com relação a cada especie descripta da nossa fauna. Nem queriamos ir ao outro extremo, que seria a transformação do livro em um simples manancial de informações curiosas, ainda assim interessantes para o amigo das coisas de biologia. Pareceu-nos mais util escolhermos um meio termo, com o qual não deixariamos de abranger as informações scientificas essenciaes, referentes á classificação e que, ao mesmo tempo, proporcionaria ao leitor, apenas curioso, um quadro bastante claro, para lhe permittir a identificação da especie, já sua conhecida pela *denominação vulgar*.

Esta ultima, em todo o caso, sempre deverá servir de ponto de partida para a consulta, pois que não é possível levar o leigo á identificação da especie, nem pelo caminho das extensas monographias, nem obrigar-o á consulta de tabellas ou chaves analyticas, aridas e sempre de uzo difficil. Mas é justamente este o ponto mais fraco da nossa orientação seguida: o valor taxonomico do nome vulgar das nossas especies zoologicas.

A população das cidades quasi que não conhece esse vocabulario e assim, em se tratando de nomes menos corrente, difficilmente acertará com a especie, a respeito da qual procura elucidación. O homem da roça tem o seu vocabulario botanico e zoologico e, nos casos não muito especializados, quasi sempre sabe applical-o bem; mas, em ultima analyse, é este sempre um vocabulario regional, isto é, certo quando applicado á sua região, mas deficiente ou mesmo



errado quando uzado em outros Estados do nosso vastissimo paiz. Expliquemol-o, á mão de alguns exemplos.

Tanto no Rio Grande do Sul como em São Paulo uza-se o mesmo vocabulo para designar certo passarinho; porem o zoologo verifica que se trata, de facto, de duas especies distinctas do mesmo genero e que differem apenas por ligeiras nuances de colorido. Para o povo, effectivamente, trata-se da mesma ave e, portanto, é justo que tambem o nome seja o mesmo; mas o nome scientifico differe na designação especifica. Claro está que neste vocabulario não é possivel salientar sempre taes differenças de somenos importancia, pois assim nem mesmo uma serie de volumes abrangeria a materia toda.

Mas, na Bahia, outra especie do mesmo genero, tambem muito semelhante, e que portanto poderia ter o mesmo nome vulgar, é conhecida por nome muito diverso. Não vac nisto grande inconveniente, pois uma nota explicativa nos dois vocabulos põe o consulente ao par dessa diversidade de nomenclatura vulgar.

Acontece, porem, que na Amazonia o mesmo nome uzado no Sul, é applicado a um passarinho muito diverso e que não compartilha com aquelle nem mesmo affinidades genericas. Taes casos, aliás, são frequentes, e o peor é que para elles não ha solução, porque o nome dado pelo povo não muda; no emtanto, são elles a causa de muitos enganos e a origem de controversias pseudo-scientificas, como já as registramos repetidas vezes em nossa literatura zoologica e botanica.

Accresce ainda, que certas especies tem um elevado numero de nomes locaes, tornando-se difficil reconhecer qual delles deva ser preferido como o mais generalisado; ou então, a pronuncia local deturpa de tal modo a forma original, que a muito custo se consegue estabelecer a identidade e, se a etymologia não fôr clara, tambem nestes casos é difficil optar por esta ou aquella pronuncia (Jaritatáca-Maritatáca), (Marandová-Mandarová).

VALOR DESCRIPTIVO DO NOME VULGAR

Qual é o valor descriptivo do nome vulgar, ou por outra, até que ponto coincide esta determinação vulgar com a systematica scientifica?

Pondo de parte o erro a que se está sujeito, ao consultar um caipira ou tabaré, ora bom observador e enclinado á caça, ora bronco e indifferente a tudo, pode se dizer que o verdadeiro matuto, digno descendente do indio, conhece bem a fauna e a flora de sua região, no que diz respeito ás especies que o interessam mais de perto. Assim a boa caça de pello ou de plumas, elle a distingue, especie por especie, perfeitamente; mas os ratos do matto ou os morcegos, dos quaes ha uma grande variedade, elle reune todos sob uma denominação generica, por uma razão muito simples: trata-se de "bicho atôa".



Os passarinhos, da mesma forma, só tem cada um o seu nome, quando são typos característicos ou bons cantores, que mereçam ser engaiolados; os numerosos *Formicariídeos* do matto, tão uteis como cata-dores de insectos, são englobados, ás dezenas, como "Pichororês", simplesmente. As serpentes perigosas e as cobras maiores tem cada uma seu nome; mas sob "Cobra cipó" ficam reunidas todas as cobras timidas, inoffensivas, mais ou menos esverdeadas, entre as quaes, no entanto, o zoologo reconheceu pelo menos uma duzia de especies. Os chelonios comestiveis são bem diferenciados na nomenclatura uzada na Amazonia, onde estes reptis fazem parte da boa caça. Entre os batrachios só a descommunal "Untanha" logrou nome especial; os demais, uma centena de especies, mereceram apenas os collectivos "sapo" e "rã" (ou "gia" e "pererêca", que são puros synonymos, de origem tupy). A nomenclatura ichthyologica é assaz curiosa. Como o zoologo, o pescador vê-se aturdido com a grande, immensa variedade de pescado e é aqui, mais do que em qualquer outro grupo da nossa fauna, que observamos a diversidade de nomes empregados com relação á fauna fluvial na *Amazonia* (inclusive boa parte de Goyaz e Matto Grosso), no chamado *Norte* (Maranhão até a Bahia) e no *Sul* ou Brasil meridional. Com menos rigor, a nomenclatura dos peixes do mar differe apenas entre o Norte e o Sul. Por outro lado não deixa de ser curioso que sob os tres nomes: "Bagre" "Mandy" e "Jundiá", aliás confluentes na accepção, sem limites certos entre si, o pescador reúne seguramente mais de 50 especies. Da mesma forma "Cará" (ou "Acará") é uma verdadeira "gaveta de sapateiro", pois o mesmo vocabulo, unido a qualquer outro qualificativo, quasi sempre referente á côr, ao tamanho ou ao feitio, designa um sem numero de peixes do mar ou da agua doce, pertencentes ás mais variadas e heterogeneas familias; assim, cada vez mais generalisado, alcançou quasi o valor de synonymo de *pirá* (peixe).

Tudo isto revela que o pescador é muito menos observador que o caçador, o que aliás coincide com os seus ardis no trabalho. O proloquio: "Tudo, que cae na rede, é peixe", define a pescaria; ao contrario, o hom caçador mata o cão quando este se desvia do rasto que lhe foi indicado, para ir levantar uma outra caça.

Passando aos Evertebrados, os quaes, numericamente, contribuem talvez com o decuplo para a lista das especies da nossa fauna, verificamos, a ponto de parecer incrivel, uma pobreza extrema do vocabulario uzado pelo povo. Borboleta, besouro, gafanhoto, são denominações equivalentes aos nomes de ordens zoologicas e apenas uma ou outra especie, pela sua nocividade ou extravagancia, logrou fama tal, que o povo se viu na contingencia de lhe applicar nome especial. Abrem excepções apenas as formigas, abelhas e poucas outras ordens, cuja diferenciação especifica se impoz. Com relação ás abelhas, cumpre salientar a meticulosa classificação a que procederam os selvagens, de modo que podemos enumerar cerca de 70 voca-



bulos referentes aos *Meliponideos*; isto devido ao facto de serem os nossos selvicolas, tanto o aborigine como o caboclo, seu descendente, grandes apaixonados pelo mel, aliás tão facil de extorquir ás nossas abelhas inermes.

ORIGEM DOS VOCABULOS

Como se verifica facilmente, pela simples inspecção da lista dos nossos vocabulos zoologicos, a sua grande maioria é de origem tupy. Nem podia deixar de ser assim. O portuguez, entrando em contacto com a nossa fauna, serviu-se do indigena para indagar da nocividade, da utilidade e dos habitos em geral dos animaes que aqui ia encontrando, quasi todos de aspecto extranho; e o indio, juntamente com a biologia, ensinava-lhe os nomes pelos quaes diferenciava as especies.

Um ou outro animal, pela sua tal qual semelhança com a especie congenere européa, recebeu nome igual ao do seu representante transatlantico. Mas nestes casos, muitas vezes, a zoologia do povo armou ciladas ao scientista, difficultando-lhe a taréfa com homonymos, hoje aliás tão arraigados, que será inutil qualquer esforço para rectificar, no vocabulario brasileiro, o erro zoologico (Corvo = Urubú; Raposa = Gambá; Tigre = Onça, etc.).

Outra parte do nosso vocabulario é de origem cabocla, e não raro o mestiço utilizou-se, conjunctamente, dos dois idiomas de seus antepassados, para formar a denominação adequada (Iruçú-mineiro; Guanumbi da matta virgem; Anú branco, etc.).

Em muito menor numero são os vocabulos de origem africana (Camondongo, Marimbondo, etc.).

Não nos animamos a incluir tambem, em nossa tarefa, a expli-
cação etymologica de todos os vocabulos; é trabalho a parte, que antes compete ao philologo linguista. Comtudo advertimos a quem o tente fazer, que é perigoso explicar o nome, sem conhecer bem as peculiaridades da respectiva especie, pois, guiado apenas pelo som da syllaba, o etymologo, ao decompôr a palavra, facilmente interpretará o sentido como referente a qualificativos contrarios á ecologia, ao aspecto ou á cor da especie em questão, quando o indio timbrava em salientar, na denominação, os traços característicos do animal designado. Martius assignalou o rumo a seguir nestas investigações e seu digno successor, no que diz respeito á elucidiação dos vocabulos geographicos, Dr. Theodoro Sampaio, estabeleceu de vez o paradigma com seu livro quasi perfeito, "O Tupy na Geographia Nacional".

GRAPHIA DOS NOMES VULGARES

E' tão variavel a pronuncia de boa parte dos vocabulos aqui registrados, que muitas vezes nos vimos embaraçados na escolha da



SciELO

graphia sob a qual deveríamos dar a descripção da respectiva especie.

Guiamo-nos, o quanto possivel, pela etymologia do vocabulo e assim, entre "Arapuá" e "Irapuan", dêmos preferencia á ultima forma, que é exactamente a reproducção da pronuncia guarany: *Ira* (abelha ou ninho de abelha) *puan* (redondo, espherico); trata-se, de facto, da mais commum das poucas especies de abelhas sociaes que constroem ninhos não abrigados em cavidades, porem livres, em forma de grande bóla. Entre "Aribú e "Urubú", do mesmo modo, preferimos a forma mais etymologica (*urú* — ave e *bú* — preta).

Porem as vezes é mais correntia uma pronuncia visivelmente deturpada, ouvindo-se muito mais raramente a pronuncia original. Assim prevalece "Grachaim" em vez de "Guarachaim" (isto é *Guará* — Canideo, *chaim* — crespo); ou ainda diz-se unicamente *Tatorana*, quando a etymologia não pode ser outra senão: *tata* — fogo, *rana* — parecido, imitante (isto é, certas lagartas de mariposas que provocam um ardor, semelhante á queimadura de fogo). Montoya escreve, porem, *tataura*, o que se interpreta como *tata-ura*, isto é "verme de fogo". Frequentes são tambem as transposições de syllabas.

Porem o maior inconveniente para quem busca a explicação de um determinado vocabulo, são as multiplas variantes da pronuncia da primeira syllaba. Em vez de "*Inambú*" ouve-se tambem *Nhambú* e *Nambú*. "*Araçary-póca*" diz-se tambem *Sarypóca*. "*Içabitú*" pronuncia-se ainda *Sabitú* ou mais geralmente diz-se apenas *Bitú* ou *Vitú*.

Assignalamos a seguir mais uns tantos exemplos, afim de orientar os menos experientes nesta gymnastica de prosodia. Diz-se *Nymbuia* ou *Gimbuia*; *Miruim* ou *Maruim*; *Irussú* ou *Guirussú*; *Emboá* ou *Amboá*; *Inchú* ou *Inchú*; *Jurupóca* ou *Gerupóca*; *Jacundá* ou *Nhacundá*; *Guirapurú* ou *Uirapurú*; *Guirapassú*, *Uirapassú* ou *Arapassú*; *Guandira* ou *Andira*; *Mamangaba* ou *Mangangá*; *Meruanha*, *Moruanha*, *Muruanha* e *Murinhanha*; *Moriçoca*, *Moroçoca*, *Mariçoca* e *Muriçoca*, etc., etc.

Procuramos registrar tambem todas estas variantes, mais para facilitar a consulta, do que pelo interesse linguistico que possa ter a collectanea de todas as deturpações, que o povo costuma sugerir aos vocabulos menos correntios.

E' sempre difficil dizer quaes dessas modalidades constituem effectivamente formas dialectaes e só sob este aspecto ellas merecem reparo — mas o que dizer de "Corrupião", nome de um bichô terrivel, que desconheciamos e que só lentamente, pela descripção, se transformou em Escorpião!

E' portanto impossivel organizar o vocabulario desta parte de nossa linguagem, de forma a permittir em todos os casos a consulta rapida e segura.



SciELO

Se o leitor não encontrar desde logo o vocabulo sob a graphia correspondente, torna-se necessaria a applicação de toda a sorte de substituições de letras ou syllabas, ou o acrescimo ou truncamento destas ou daquellas.

Mesmo a graphia de certas palavras, das mais uzuaes, como Coati (ou Quati), Cutia (ou Cotia) ainda é fluctuante, assim como o emprego do *i* ou *y* e do *ss* ou *ç* (como em tupi e guassú) ou tantos outros vocabulos semelhantes de origem indigena. Tivemos de optar por uma das modalidades, porem não compete a nós resolver taes questões.

Palavras que podem ser graphadas tanto com *X* como *Ch* inicial (Chéchéu); com *Y* ou com *I* (Ypopiára), etc., devem ser procurados sob as duas rubricas.

POBREZA DO NOSSO VOCABULARIO ZOOLOGICO

O presente vocabulario da nossa fauna inclue cerca de 2.000 termos (contra 1090 da nossa primeira edição provisoria). E' pouco, pouquissimo, si tomarmos em consideração os limites da area immensa abrangida e a riqueza proverbial da nossa fauna. Bastará dizer que unicamente o numero de especies de aves attinge, no Brasil, um total superior a 1.567, afóra 213 subspecies. Estes algarismos constam do Catalogo das Aves do Brasil, publicado em 1917 pelos Dr. H. e R. von Ihering. No emtanto, neste grupo, por todos os motivos tão digno da attenção dos caçadores e do povo em geral, só registramos 568 nomes vulgares. Confrontem-se taes algarismos com os do Catalogo das Aves de Portugal, publicado por A. F. Seabra em 1911. Para as 312 especies da avifauna portugueza, poude aquelle naturalista registrar 648 nomes vulgares — incluidas muitas variantes apenas locaes, mas bem poucas aves figuram ahi desacompanhadas de apellido, dado pelo povo. Da mesma forma as 400 especies de aves da Allemanha todas ellas são conhecidas do povo, que as chrysmou.

E' muito cedo, ainda, para se aventurar qualquer zoologo a dizer, em numeros approximados, o total das especies da nossa fauna. No emtanto, é natural que tenhamos todos nós certa curiosidade... comparavel quasi ao "Quantos somos?" do Recenseamento Nacional.

Tentemos, pela seguinte forma, um calculo: A fauna mundial foi orçada em 600.000 especies (Händlerisch calculou em 383.550 o numero total de insectos descriptos até 1908). Varias vezes temos tirado a prova, em pequenos conjunctos, de familias ou ordens restrictas, de que a fauna brasileira corresponde a mais ou menos 1/10 ou 1/11 da fauna mundial. Obteriamos assim o algarismo 50.000, fazendo abstracção de 1/6 correspondente, certamente, a microorganismos, que aqui não vem ao caso incluir. E, dando ainda de barato que metade dessas 50.000 especies corresponda a subtilizas zoolo-



gicas, quasi subspecies, que o povo nem sempre distingue, mesmo assim restam 25.000 especies a confrontar com os 2.000 vocabulos que aqui colligimos. Por mais intenso que seja o trabalho subsequente a esta edição, duvidamos muito que esse total possa ser elevado a mais de 3.000; muito lentamente, nos ultimos tempos da elaboração deste trabalho, um a um apenas, temos inscripto os omissos e por esse estalão imaginamos que o maximo attingivel será de 2.500 nomes vulgares para toda a nossa fauna — portanto 8 % de nomes vulgares (de facto, aliás, apenas 4 %, si applicassemos todo o rigor zoologico). Quer isto dizer que uma apenas, entre cada 10 especies que examinássemos, seria portadora de um nome que lhe fora dado pelo povo, o qual com isto lhe testemunhou sua attenção!

Muito mais facil torna-se obter a proporção correspondente com relação á fauna da Allemanha. Baseamo-nos, para tal fim, num pequeno Manual (Fauna von Deutschland, 1920, organizado pelo Prof. Brohmer) de 446 paginas, onde os amadores encontram todo o material analysado sob forma de “chaves de classificação”, e com taes minucias, que tanto os vertebrados como os insectos ou vermes ou protozoarios livres do paiz podem ser identificados com auxilio desse precioso compendio. Pois nas 25 paginas do indice desse livro, verifica-se que aos 5.000 nomes scientificos correspondem 1.500 nomes vulgares ou seja na proporção de 30 %.

Sobrepuzemos o criterio da boa escolha á ancia de augmentar rapidamente e a todo o transe, o numero de vocabulos. Não foi nunca nosso escopo apresentar listas completas de regionalismos, mórmente quando, neste caso particular da zoologia popular, facilmente se está sujeito a registrar expressões individuaes (de pescadores e caçadores) e portanto sem interesse geral.

As fontes literarias encaramos egualmente com muito scepticismo. As vezes reconheciamos que o colleccionador de nomes havia registrado palavras puramente indigenas, não uzadas pelo povo; outras vezes foi em Maregrave ou Gabriel Soares que o literato buscou o termo, sem averiguar, se hoje em dia esse vocabulo ainda “vive”. Citemos aqui tambem o caso especial do “Album das Aves Amazonicas” do Dr. A. E. Goeldi, no qual, alem dos nomes vulgares, correntios, o auctor, incidentemente tambem registrou as vezes, a denominação correspondente dos dialectos de algumas tribus indigenas. Pois apezar de ter o auctor assignalado sempre tal restricção, alguns compiladores de brasileirismos, ainda assim incluíram essas vozes barbaras em suas listas.

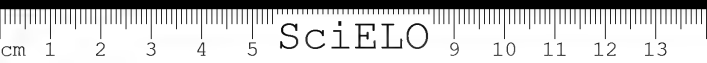
Systematicamente deixamos de registrar a classificação suggerida por alguns escriptores, quando viamos claramente, atravez do nome scientifico exotico ou archaico, que a fonte não fôra pura ou das melhores. Outras vezes, a localidade indicada não combina com a distribuição geographica conhecida da especie mencionada. Ou então o vocabulo, em sua formação, não condiz com a especie suggerida. Assim “Pato-patáca” fôra registrado como synonymo de “Alma



de gato", também conhecido por "Meia-pataca" — naturalmente puzemos "Pato" em quarentena. — Da mesma forma "Paquinha", designando "coleoptero", quando conhecemos o termo applicado a certos orthopteros. — Perigosas são as revistas agricolas ou pseudo-scientificas, em que collaboram estrangeiros; estes, innocentemente, traduzem mais ou menos fielmente os nomes vulgares da sua lingua e assim nol-os impingem, sem documentar taes neologismos. — Aos auctores, em cujos escriptos pudemos verificar varios erros de classificação, difficilmente aceitamos vocabulos desconhecidos. Preferimos certa pobreza á promiscuidade, onde os entendidos possam lobrigar erros de zoologia (e estes, apesar de toda a cautela, nos terão escapado ainda assim!). Em geral não registramos, propositalmente, nomes para os quaes obtivemos apenas as seguintes informações: "X — nome de um passarinho". — "Y — nome de um peixe"; as excepções que abrimos, baseiam-se em pequenas indicações contidas na etymologia ou no contexto, e que nos pareceram offerecer alguma garantia quanto á legitimidade do brasileiroismo em questão.

DIFFICULDADES E CAUSAS DE ERROS

Nossa literatura zoologica, propriamente nacional, isto é escripta em portuguez por zoologos brasileiros ou perfeitamente identificados com o nosso meio, reduz-se ás publicações de pouco mais de meia duzia de auctores. Só nestes trabalhos encontramos os nomes vulgares registrados com relativa precisão. Os scientistas estrangeiros, que colligiram o material durante sua estadia mais ou menos breve em nosso paiz, raramente se deram o trabalho de anotar os nomes vulgares das especies que mais tarde chrysmaram com nomes scientificos; e, se o fizeram, em geral grapharam os vocabulos de tal modo deturpados, que difficilmente se estabelece sua identidade em se tratando de nomes conhecidos. Em se tratando de nomes desconhecidos, seria, portanto, contraproducente introduzil-os, certamente estropiados, em nossa lista. A contribuição nacional, que se encontra nos escriptos de auctores leigos em zoologia, apresenta difficuldades de outro genero. José Verissimo, com a sua inegalada "Pesca na Amazonia", constitue excepção, diremos quasi unica. Os demais literatos registram o nome desacompanhado de explicações precisas, que possibilitem a determinação da especie ou então fazem-no acompanhar de um nome scientifico, que, se não é puramente o de uma especie européa, em todo caso não inspira confiança, por ser mais que duvidosa a classificação, baseada sabe Deus em que alfarabio ou dictionario encyclopedico.



Não foi apenas pelo prazer de corrigir ou de dizer mal, que temos citado (1) alguns exemplos de definições zoologicas de todo erradas, contidas em obras de certo renome.

Quizemos, apenas, chamar para o caso a attenção dos que são responsaveis pelo aperfeiçoamento de nossos manuaes da lingua brasileira. A paciencia e a erudição de Amadeu Amaral deram-nos a prova, em "O Dialecto Caipira" de que, apesar das muitas difficuldades desse estudo, é possível realisar obra, si não completa, ao menos muito proxima da perfeita representação graphica da evolução do nosso falar.

Já por outra occasião (2) glosamos os "nomes zoologicos contidos nos Dicionarios da lingua portugueza". Lastimavel é que o "Novo Diccionario" de Candido Figueiredo não tenha sido expurgado neste sentido na terceira edição, de 1922, augmentando elle, pelo contrario, a lista dos erros aos quaes então nos referimos.

A propria Academia Brasileira de Letras, em seus Annaes, ao colligir os brasileirismos, não soube precavêr-se contra deslises, que não são apenas palmares do ponto de vista zoologico, mas sobre-modo prejudiciaes, pois que todo brasileiro vê nas publicações desse Instituto Nacional, o expoente do nosso puritanismo linguistico.

Um diccionario encyclopedico nacional, recentemente publicado, e por varios motivos digno dos maiores encomios, como emprehendimento e como elaboração, infelizmente utilizou-se do nosso primeiro esboço do presente trabalho, copiando *ipsis verbis* o que nós mesmos reconheciamos ser imperfeitissimo como elaboração e que a composição typographica se incumbiu de tornar ainda mais errado; — o resultado dessa transcripção foi ainda um descalabro para as letras de vulgarisação zoologica. Outra fonte de erros proporcionam aos estudiosos quasi todos os "Vocabularios de Brasileirismos", de auctores antigos e modernos.

Copiando-lhes as informações e os nomes scientificos, inçados de inverdades, disparates ou falsas explicações, os revisores da materia, geralmente leigos em questões de sciencias naturaes, perpetuam, infelizmente, taes cinceadas.

Os detalhes ecologicos mais facilmente se corrigem. Bastará affirmar, por exemplo, que a jequitiranaboia não é venenosa (o que se demonstra por *a* menos *b*: o insecto em questão não possui veneno) ou que o bôto e a yára não são peixes (porque seus filhotes se criam do mesmo modo como os de todos os mammiferos.), para que, de vez, desapareçam taes disparates dos escriptos modernos.

Bem mais difficil é obrigar os escriptores a acatarem a boa nomenclatura scientifica; para isto seria preciso:

— o auctor enfronhar-se na indole dessa escripta latina, imaginada por Linneu e codificada pelas "Regras internacionaes de

(1) R. v. Ihering — Contos ... de um Naturalista, pag. 125.

(2) R. von Ihering, Revista do Brasil, N.º 5, Maio de 1916, pag. 76 a 82.



nomenclatura”, que permite definir em duas palavras (*genero e especie*) toda e qualquer forma animal ou vegetal;

— ou, si a tanto não basta a paciência desse escriptor, deverá o mesmo *submitter-se* incondicionalmente á função de mero copista, transcrevendo, *ipsis literis*, a formula algebrica cujas partes componentes lhe são incognitas. Assim como ao mathematico *dóe* a substituição descuidosa de um signal da sua equação, assim ao zoologo fêre, como uma heresia, semelhante affirmação, escripta com a maxima serenidade por um literato “curioso” em biologia: “Tal *especie* (nome de um animal européu) tambem ocorre neste Estado, ainda que pertencente, talvez, a outra *familia*!” “A *especie* é a mesma, podendo, contudo tratar-se de outro genero”. Infelizmente não são raros taes disparates. Para facilitar a boa comprehensão das regras da nomenclatura zoologica, daremos mais adiante um resumo das principaes normas, cuja estricta observação se impõe a todos os escriptores que honestamente queiram utilizar-se dessa nomenclatura scientifica.

Dessa forma procuramos accrescer ao nosso trabalho, ao valor que possa ter como exposição zoologica, este outro encargo de servir como subsidio ao trabalho dos dictionaristas da lingua brasileira. Chegou a hora de ser emprehendida a revisão final do grande livro basico da nossa lingua, com o que se completará o esforço inicial de Macedo Soares.

Somos os primeiros a reconhecer que não se pode chegar á conclusão de um trabalho encyclopedico, sem que destemidos precursores tenham desbravado o caminho, muito embora imperfeitamente.

Nesse grande Dictionario da lingua brasileira, que é de ha longo tempo uma aspiração nacional, a parte do vocabulario referente á nossa fauna e flora (esta ultima ainda mais rica e tambem mais difficil ainda, quanto á sua complicada synonymia vulgar) deverá ser confiada a especialistas, todavia sujeitos á critica dos philologos. Estes evitarão os deslises linguisticos, mas aquelles, por sua vez, garantirão que a obra saia escoimada de definições como a que dizem estar contida na 1.^a edição do grande Dictionario da Academia franceza e na qual o literato, mais gastronomo que zoologo, definiu o caranguejo como sendo: “*un petit poisson rouge, qui marche à reculons*”. Talvez a maledicencia dos detractores tenha augmentado, em parte, essa carga de erros zoologicos, com que foi cumulado o pequeno animal ... Aleivosia apenas. Pessoalmente, porem, podemos verificar que na 5.^a edição desse mesmo Dictionario (1814) ainda se lê: “*Esêrevisse-s. f. Poisson qui, selon l'opinion vulgaire va presque toujours à reculons et qui est du genre des crustacées*”. Verifica-se assim, por esse documento historico, quanto é difficil desentranhar erros, quando estes conseguiram deitar raiz na primeira edição de um dicionario.

Estamos certos, infelizmente, que tambem este nosso trabalho contem seus “*poissons rouges*” ainda não assignalados. Nossa in-





dole, porem, é diversa da de alguns dictionaristas e consideraremos grande favor e auxilio serem-nos communicadas as corrigendas, bem como lacunas ou omissões.

Quizeramos, porem, recommendar, a esses nossos amaveis colaboradores, o maximo cuidado quanto á classificação zoologica da especie, cujo nome fôr assignalado como novo.

Em se tratando de répresentantes dos mais característicos da nossa fauna, bastará uma descripção minuciosa ou um confronto com especies alliadas. Nos animaes de pequeno porte e principalmente de peixes, molluscos ou insectos, é preciso que especimens authenticos tenham passado pelas mãos de zoologos experimentados.

Isto com relação aos nomes colhidos da bocca do povo.

Quanto aos termos encontrados em escriptos de auctores antigos ou modernos, desejamos manter a norma até aqui adoptada. Sempre sujeitamos esses trabalhos a um exame que nos habilite a discernir si os vocabulos que nos são novos, tem ou não o bem cunho de verdadeiramente vulgares (triviaes, no sentido de serem conhecidos do povo de uma região mais ou menos ampla) e se a indicação zoologica que os acompanha merece fê.

Assim os termos dessa origem devem ser acompanhados de citações precisas quanto á fonte, ou transcripção do respectivo trecho, em se tratando de obras menos vulgarisadas.

NOMENCLATURA E CLASSIFICAÇÃO

Qual é a classificação zoologica, que V. adopta? — perguntamos, não raro, pessoas de bella cultura geral e com alguma leitura de Buffon ou Darwin. — V. segue o systema de Lamark ou de Cuvier?

Si tantas vezes, por gentileza ou respeito social, tivemos de calar a nossa indignação, aqui podemos nos desabafar e responder: — V. não tem obrigação de saber que essa pergunta revela a mais completa ignorancia do assumpto.

Vejamos pois, uma apoz outra, as varias ideias a que, vagamente, alludiu o interlocutor.

Estudando zoologia, o nosso espirito procura aprofundar varias observações, que naturalmente se impõem á nossa curiosidade. Confrontando diversos animaes, notamos facilmente que muitos delles guardam entre si certa semelhança, que desde logo interpretamos como oriunda do parentesco mais ou menos proximo dos seus ancestraes. Ninguém duvida do parentesco do “cão policial” com o lobo selvagem. O gato domestico indubitavelmente é aparentado com os felinos; dizemos então, sem que para isto seja preciso proceder a investigações zoologicas, que a especie domesticada se originou da



especie selvagem e que, com o tempo, lentamente, se criaram, se formaram as varias raças de gatos, que hoje tanto differem entre si, guardando, porem, sempre, boa somma de caracteres em commun.

Egual raciocinio applicamos constantemente a todos os animaes domesticos.

Quando, porem, o zoologo externa identicas reflexões á cerca de quaesquer outros animaes não domesticados, já não faltarão, por parte do leigo, objecções de toda a sorte.

No emtanto, quaes são os factores com que intervem o homem, para conseguir a formação de raças, as vezes tão diversas do typo ancestral?

Única e exclusivamente os mesmos de que a natureza tambem se pode utilizar: cruzamentos, repetições destes, alimentação, afastamento do typo ancestral, etc.

Por isto, não reconhecendo ao homem nenhuma superioridade neste particular, o scientista attribue á natureza igual competencia criadora de raças.

E assim, em zoologia, fala-se com toda naturalidade no parentesco dos diversos animaes entre si e, para pôr, desde logo, em evidencia o grão desse parentesco, estabeleceram-se categorias, cuja amplitude dá a entender a maior ou menor somma da caracteres identicos que revelam: Especies do mesmo genero; — Generos diversos, pertencentes, porem, á mesma Ordem ou de Ordens differentes.

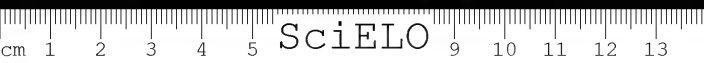
Ha portanto esta preocupação do naturalista, de verificar as affinidades naturaes existentes entre as especies, ora consanguineas, por assim dizer, ora muito afastadas umas das outras, pela sua origem.

Para se poder discutir taes assumptos, para evitar mal entendidos (como os provocam os nomes vulgares), os naturalistas procuram catalogar todas as especies e para tal fim adoptaram um systema, pelo qual se dá um nome a cada especie. Preenche tal fim a *nomenclatura binaria*, imaginada por Linneu e definitivamente applicada por este scientista sueco em 1758, na 10.^a edição de seu "Systema Natural".

Da codificação a que foi sujeito essa "Nomenclatura binaria", em virtude de resoluções tomadas em congressos internacionaes de zoologia (1889, Pais; 1892, Moseou; 1913, Monaco) resultaram as *Regras internacionaes de Nomenclatura zoologica*, e é de accordo com taes regras, respeitadas estritamente em todas as suas minucias, que hoje os zoologos adoptam, uzam ou criam os nomes scientificos dos animaes.

— Portanto, ao interlocutor, ao qual alludimos ha pouco, devemos dar a seguinte resposta: "Si V. se refere á *Nomenclatura da Classificação*, está claro que respeito as "Regras internacionaes".

— "Já sei, já sei," diz elle (De facto, nunca ouvira falar nisso). "Referia-me, porem, ao agrupamento total da fauna, ao encadeiamento que os zoologos imaginam existir, entre todos os seres animaes, á vista das respectivas affinidades".





Devemos voltar atraz, num ligeiro retrospecto historico, para explicar como se originou a hodierna *Classificação do reino animal*.

Antes de Linneu, já houve quem quizesse agrupar os animaes, de modo a pôr em evidencia as affinidades reveladas pelas suas formas e pelos seus habitos. Tacs tentativas hoje nos tem apenas ligeiro interesse historico; da mesma forma os escriptos de Linneu, quando esboçam essas suas ideias, não raro nos parecem agora de uma infantilidade que faz sorrir... Foram, porem, esses primeiros passos que encaminharam os proseguidores.

A classificação de Aristoteles teve de ceder ao melhor arranjo systematico proposto por Linneu, cuja tarefa, graças aos estudos de muitos investigadores, como Plinius, Gesner, Swammerdam, Harvey e tantos outros, já fôra bem mais facil. John Ray, em 1693, soube aproveitar de tal modo os trabalhos de seus precursores, que depois Linneu por assim dizer já encontrou feito o que adoptou em seu livro; o merito deste ultimo está, porem, em têr applicado, com todo o rigor, os melhores subsidios para uma classificação systematica. Buffon quiz regeitar essa classificação, que lhe parecia coisa artificial, imposta a um todo essencialmente natural. Lamarck sustentou o trabalho de Linneu, modificando-lhe porem o agrupamento dos Evertebrados e a respectiva subdivisão. Cuvier tentou a remodelação do systema e estabeleceu quatro "embranchements", com um padrão typico para cada um. Discutia-se, pois, o systema, modificaram-se detalhes; faltava porem uma interpretação basica, que permittisse encarar o problema de um ponto de vista geral e unico. Apezar dos esforços de E. Geof. St. Hilaire (que reafirmava as ideias de Buffon) e de Goethe, Oken e Schelling, que por assim dizer entreviam a unidade da organisação do reino animal, prevaleciam as theorias de Cuvier. Aos esforços de toda uma phalange de investigadores seguiram-se as modificações no systema: C. Th. von Siebold firmou a subdivisão dos Radiados de Cuvier, e modificou a comprehensão dos Articulados, pela definição do conjuncto que denominou Arthropodes; Leukart, por sua vez, estabeleceu novos limites, pelos quaes agrupou os Echinodermas e os Celenterados e definiu os Protozoarios, aos quaes mais tarde Haeckel contrapoz o termo Metazoarios. Ray Lankester verificou que os metazoarios abrangem dois typos distinctos: os Celenterados e os Celomados. Novos elementos para discussões trouxe a ideia defendida por Darwin e, estudando a phylogenia e tendo esta de então por diante como guia, todos os investigadores dos ultimos tempos procuraram adaptar o Systema á função de espelho das relações naturaes de parentesco zoologico.

Quem é, a vista disso, o auctor da classificação do reino animal, tal como hoje a adoptamos?

Aristoteles, que primeiro a esboçou, já não a reconheceria e aos successivos aperfeiçoadores não se pode, sem injustiça, attribuir individualmente, o trabalho realizado lentamente, no decorrer de seculos, por innumeros collaboradores.

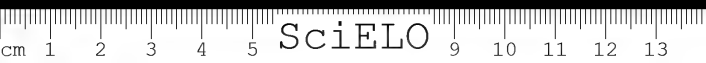




SciELO

Adoptamos pois o *Systema natural*, esboçado por Linneu e aperfeiçoado continuamente, de 1758 para cá e modernizado em sua nomenclatura, de accordo com as "Regras Internacionaes".

Baseamo-nos em particular na exposição de nosso mestre, Prof. C. Grobben, auctor do compendio de *Zoologia Claus-Grobber* e, enquanto não surgirem modificações seguramente comprovadas, cingimo-nos á coordenação a que já subordinamos nosso texto do *Atlas da Fauna do Brasil* (1916) e que aqui reproduzimos, ampliada.





Abelha — No sentido amplo, esta denominação abrange todos os insectos *Hymenopteros* da superfamília *Apoidea*. E' difficil caracterizar exactamente este vasto grupo de especies, que abrange numerosas familias, 13 das quaes se acham representadas em nossa fauna. Na maior parte dos casos verifica-se, porem, que as patas trazeiras das fêmeas e obreiras são providas de um apparelho destinado á collecta do pollen (sob forma de pubescencia muito densa ou dilatação do metatarso), dispositivo este que não se encontra nos outros hymenopteros mais ou menos semelhantes, como sejam as vespas.

Subordinam-se as numerosas especies a dois grupos: "Abelhas solitarias" e "Abelhas sociaes", conforme seu modo de nidificar.

As abelhas sociaes serão estudadas parcelladamente, sob os varios titulos abaixo mencionados. Vejamos, aqui, por alto, quaes as especies mais interessantes entre as 11 familias de "Abelhas solitarias", representadas em nossa fauna, seguramente, por 700 especies.

Pelo tamanho, destacam-se as da familia *Xylocopidae*s, algumas das quaes alcançam 35mm. de comprimento e que o povo, em geral confunde com as verdadeiras "mamangabas", que aliás são abelhas sociaes. Quasi á semelhança destas, aquellas abelhas solitarias simulam uma certa convivencia, no tempo da procreação. Os casaes de *Xylocopa* preferem em geral troncos de madeira já um tanto apodrecida, para ali excavarem longos canaes sinuosos, nos quaes preparam as cellulas; estas são recheiadas com pollen e, quando do ovo ahi depositado nasce a larva, esta assim se encontra rodeada do alimento necessario para seu desenvolvimento. As abelhas-mães habitam ainda durante algum tempo o mesmo ninho, a principio em companhia dos machos; mas a estes espera a mesma sorte dos zangãos das abelhas sociaes, pois em determinada época do anno, as fêmeas eliminam, a ferroadas, seus companheiros inermes, que, feridos de morte, são atirados para fóra do ninho, agonizantes. Ao biologo, este proceder, como que copiado das abelhas sociaes, obriga a um confronto com essas e, realmente, revela um parallelismo difficil de explicar sem a ideia de parentesco proximo.



Outras abelhas solitarias de grande porte são as do genero *Centris*, ainda estas de feitio comparavel ao das mamangabas verdadeiras, porem de colorido muito mais rico e variegado; seu corpo em geral é revestido de espesso veludo.

As especies do gen. *Euglossa* são um pouco menores e predomina entre ellas o typo que diriamos de cavalleiro revestido de armadura brilhante; os proprios nomes seintificos dizem quanto são bellas as cores resplandescentes destas abelhas: *Euglossa purpurata*, *violacea*, *smaragdina*, *coerulea*, *ignita*, *pulchra*, *elegans*, etc. Lembraremos, ainda, que são estas as abelhas que se encarregam da pollinização de varias orchideas (como *Catasetum*, *Stanhopea*): introduzindo a cabeça na flor, esbarram nas pollineas, cujo pedunculo pegajoso adhire logo ao insecto, sendo assim o pollen transportado para outra flor, na qual, depositado logo em seguida, exerce sua acção fecundante.

Mencionaremos ainda o gen. *Megachile*, que abrange numerosissimas especies, medias e pequenas; pouca gente as conhece de vista, mas basta dizer qual o seu officio, para que sejam logo identificadas: são estas as abelhas que recortam as folhas das roseiras, tirando-lhes do bordo um ou varios pedaços em forma de meia lua. Taes pedacinhos a abelha leva para um esconderijo, que lhe pareça adequado (lá fora no campo, accomodam-se entre frestas ou em galhos ôcos; muitas vezes, porem, entram em casa e então se engraçam por um buraco de fechadura, cano de espingarda ou tubo de flauta) e ali, enrolando talvez uma centena desses recortes de folhas, constróe mimosas cellulas tubulares.

Claro está, que não nos podemos deter na enumeração das muitas outras especies que abundam sobre as flores, onde procuram o pollen, seu unico alimento. Ha entre ellas pygmeus, que não alcançam meio centimetro de comprimento. Varias dellas são parasitas dos ninhos de outras abelhas, tambem solitarias. E' facil reconhecer taes especies parasitas, pois nenhuma dellas tem apparelho adequado para a collecta do pollen, nem de taes dispositivos necessitam, pois é sempre em meio do alimento já armazenado por outras especies, que o parasita põe seus ovos.

As Abelhas sociaes constituem sociedades, havendo nestas, alem dos machos e das femeas, ainda as obreiras, que são femeas com apparelho genital atrophiado. São abelhas sociaes: as mamangabas, a abelha do reino e os *Meliponideos* ("Abelhas sociaes"). Só estas ultimas (e as abelhas solitarias, quando parasitas de outras abelhas) não tem ferrão; todas as outras defendem-se com ferroadas do-



lorosas; os machos, porem, nunca tem essa arma e são sempre inermes.

Abreu	Irapoan!	Mirim	
Aramá	Irussú!	Mumbuca	
Cagafofo	Jatahy!	Sanharão	Estão assigna-
Cacheta	Lambe olhos	Tapieira	ladas com um
Camuengo	Limão	Tuyumirim!	ponto de exclama-
Cupira	Mandaguary!	Tuyuva!	ção as es-
Freecheira	Mandassaia!	Urussú	pecies mais fa-
Guarupú	Mandury!		mosas.

Alem destas e outras, mencionadas nos respectivos capitulos, veja-se tambem os titulos correlatos, como: Irussú-mineiro, Jatahy da terra, Mirim-preguiça, etc.

Abelha de cachorro — Veja sob “Mel de cachorro” e “Cupira”.

Abelha mirim — Como o nome indigena, que significa: pequena, tambem seu nome scientifico, *Trigona minima* indica as pequenas dimensões desta abelha, que mede apenas 2 ½ mm. de comprimento (Não é, comtudo, a menor; veja-se “Lambe-olhos”). Assemelha-se bastante á “Abelha mosquito”, e á “Mirim preguiça”; o modo de nidificar é, porem, muito caracteristico: o ninho, abrigado em postes ou pequenas cavidades de arvores, não tem envolvero e as cellulas de incubação não formam favas, porem cachos.

O tubo de entrada é pequeno, fino e feito de cera amarella; de noite as pequenas abelhas, timidas, fecham-no com um delicado rendilhado de cera, que de manhã é removido, para que as abelhas obreiras tenham passagem livre.

Abelha mosquito — Abelha da fam. *Meliponideos*, *Trigona mosquito*. Especie pequena como um mosquitinho e dahi seu nome; mede apenas 3.75 mm. de comprimento. A cor é escura, com algum desenho amarello. Nidifica em arvores ocas ou em buracos das rochas ou muros, com entrada pequena, mas sem porta saliente. O mel é saboroso, um tanto acido, porem a quantidade sempre é pouca. A mesma especie é tambem conhecida por “Jatahy mosquito” ou simplesmente “Jaty”, no Ceará.

Abelha do reino — Abelha da fam. *Apideos*, *Apis mellifica*, especie importada da Europa (e por isto chamada “do reino”, de Portugal). Acclimatou-se perfeitamente aqui; entretanto, as colmeias só prosperam quando sujeitas ao tratamento racional, que lhes dá o apicultor. Accidentalmente



algun enxame foge, e vac se estabelecer no matto; mas não consta que assim esta especie se tenha diffundido e tomado habitos de abelha silvestre.

A apicultura é um ramo todo especial da agricultura, e no Brasil, conquanto haja actualmente apenas pequenos nucleos de apicultores, allemães e italianos, principalmente no Sul do paiz, esperamos que, em breve, esta fonte de renda atinja um grande desenvolvimento, dadas as optimas condições naturaes do clima e da flora.

Quando os apicultores falam em “abelha escura”, “abelha italiana”, “da Carnia” etc., referem-se elles ás variedades de *Apis mellifica*, preferidas por estas ou aquellas vantagens que offerecem. A variedade mais geralmente cultivada é a escura, do Norte; a italiana tem roupagem mais amarella, avermelhada e os tres ultimos anneis são amarelllos. Aquella enxameia mais; esta porem é mais docil e mansa.

Abelhas sociaes indigenas — (“Mel de pau ou apenas “Mel”). Pertencem á familia dos *Meliponideos*, que se distingue dos *Apideos* (a que pertence a “abelha do reino”, importada) pela falta de ferrão e pelo modo como se realiza a secreção da cera: esta é produzida por cellulas que se encontram na parte dorsal dos segmentos abdominaes nos *Meliponideos*, ao passo que nos *Apideos* essa mesma secreção se faz no lado ventral desses segmentos.

Alguns auctores reúnem todas essas abelhas sociaes em um unico genero: *Melipona*; outros sustentam a subdivisão em *Melipona* e *Trigona*. O primeiro genero encerra em geral as especies maiores, cujas azas não exceedem o comprimento do abdomen; são de bellas cores, e produzem excellente mel, em quantidade apreciavel.

As especies de *Trigona*, ao contrario, tem as azas mais compridas que o corpo e são, no maximo, do tamanho de uma mosca, porem algumas especies são minuscultas, como os menores mosquitos ou quasi microscopicas, como a “Lamb-e-olhos”; pela maior parte são mansas e timidas, ao passo que algumas, denominadas “Torre-cabellos” são bravas e atacam o homem, entrando-lhe pelos cabellos, na vista, etc. e mordem. Uma especie, a *Trigona cagefogo* segrega um liquido caustico, que arde como fogo. Parece que a natureza reconheceu ter commettido um erro, deixando atrophiar-se o ferrão, pelo que, mais tarde, se viu obrigada a munir a abelha de novos meios de defeza.

Os ninhos destas abelhas, ou cortiços, acham-se em geral bem abrigados, especialmente em arvores ôcas e fendas de pedras; mas ha algumas abelhas que constróem ninhos



subterraneos e outras os erigem livres, appensos aos galhos de arvores ou arbustos, á semelhança dos cupins da matta.

Tomando por typo o ninho feito num ôco de pau, podemos dar a seguinte descripção geral. Uma chapa horizontal, de barro nas *Meliponas*, de cera e resina nas *Trigonas*, separa o ninho, tanto em cima como em baixo, da cavidade restante da arvore; essas paredes divisorias são chamadas "b a t u m e", pelos caipiras. A entrada do ninho é em geral um buraco pequeno, no meio de uma chapa de cera ou de argilla. Em varias especies de *Trigona* a entrada prolonga-se num tubo de cera, que de noite é fechado na extremidade, isto é, as obreiras ajuntam cera nos bordos até estes se unirem e tal membrana é sempre crivada de pequenos orificios, que permittem a ventilação tambem de noite. Isto se verifica na jatahy e outras especies mansas, ao passo que os tubos largos das valentes torce-cabellos se conservam sempre abertos. O centro do ninho é occupado pela cria, acondicionada nas cellulas dos favos que se superpõem horizontalmente (e não verticalmente juxtapostos como em *Apis*) e que por fóra são circumdados por delicadas membranas de cera, as quaes formam o involuero.

O resto da cavidade é occupado pelos pótes de cera, de forma irregular e que contem mel e tambem samóra, isto é o pollen armazenado para servir de alimento á cria. As cellulas de que se compõem os favos, são providas de pollen, misturado com um pouco de mel e, depois que a rainha nellas depositou o seu ovo, são fechadas por meio de uma tampinha de cera. Assim a larva, ao nascer do ovo, encontra-se presa na cellula, juntamente com todo o alimento de que necessita para attingir o estado adulto; só depois de completamente crescida, abre a tampa de seu cubiculo e entra em contacto com a communidade. Em cada cortiço ha só uma abelha mestra ou rainha, que é uma femêa fecundada, ao passo que as obreiras são femêas abortivas, não fecundaveis. A rainha madura tem o abdomen muito entumescido, cheio de ovos, de modo que não pode mais voar e assim fica presa no cortiço, do qual é a mãe até morrer. Os machos se criam só em certa epoca do anno, especialmente no verão; não trabalham, não recolhem mel nem póllen, vivendo unicamente para realisar a fecundação das rainhas novas, as quaes depois levam consigo parte da população, indo constituir novo cortiço. Como por consequente os machos representam um elemento inutil, depois da partida dos enxames, são elles enxotados do cortiço em fins do verão; apenas os mais renitentes, que não querem obedecer á ordem de expulsão, são mortos a dentadas.



SciELO

Se com relação á abelha do reino a denominação “rainha” se applica em toda a extensão da palavra, á femella fecundada dos *Meliponídeos* cabe apenas o título de “abelha mestra”. De facto, os hábitos das nossas abelhas indígenas são muito democraticos. É facil comproval-o por alguns exemplos. Onde quer que esteja a rainha de *Apis*, rodeiam-na varias obreiras, sempre sollicitas e attentivas, á espreitarem as opporrtunidades em que possam ser uteis á soberana. Nossa “abelha mestra”, ao contrario perambula solitaria pelos favos da cria, e em geral ninguem com ella se encommoda; um facto bem significativo, entre os poucos que até agora foram cuidadosamente verificados com relação á vida íntima das nossas abelhas, relata-o o Dr. H. von Ihering: “A obesa e desageitada abelha mestra queria transpôr um corredor, porem não poude proseguir, pois algumas obreiras, que lá se achavam, não lhe davam passagem; a muito custo, conseguiu então seu intento, escolhendo outro caminho. Nunca uma tal grosseria e tamanha falta de respeito se verificam entre “*Apis*”!

Consideremos outro facto: a começar pela propria cellula, em que se desenvolve uma jovem rainha de *Apis*, nota-se a differenciação em castas; essa cellula real é ampla, espaçosa, e portanto destaca-se desde logo dos berços communs, em que nascem plebeus. Muito ao contrario, uma futura abelha-mestra de mandassaia ou guarupú é de origem humilde e sua cellula em nada differe das que servem ás pobres obreiras. (O facto só é verdadeiro com relação ás especies do genero *Melipona*, pois as do genero *Trigona* constroem cellulas reaes, um pouco mais amplas).

Quando está para nascer a princeza real de *Apis*, a soberana da colmeia demonstra incontida agitação: é o ciúme, a rivalidade, o medo de perder o throno. Por fim, formam-se no cortiço dois partidos: os conservadores dispõem-se a acompanhar a rainha velha e com ella iniciarão algures nova familia; os outros são adeptos da jovem soberana, que usurpará o poder. — Em casa de nossos *Meliponídeos* não ha esse ciúme, nem motivos para briga: a abelha mestra sabe que “quem casa quer casa” e que, sem a minima discussão, a recém-casada irá, ao seu tempo, tentar fortuna e dar começo a novas installações.

Não cabe nos moldes deste ligeiro capitulo um confronto completo da ecologia destas duas familias de abelha sociaes — estudo interessantissimo, a tentar um Maetterlink brasileiro! Mencionaremos apenas ainda a differença notavel que a chimica revela, analysando o mel dos dois typos de abelhas.



Como é natural, as varias especies de *Meliponideos* fabricam cada uma seu typo especial de mel, porem este nunca encerra saccharose, como o de *Apis*, que sempre contem até 10 % desse assucar semelhante ao da canna. Nas abellas indigenas o mel compõe-se essencialmente de levulose, substancia mais doce que a saccharose (30 a 70, em media 45 %); dextrose, menos doce que a saccharose (20 a 50, em media 25 %); pequena porcentagem de outras substancias e muita agua, ao contrario do mel maduro de *Apis*, que contem menos de 25 % de agua. Por ser assim muito fluido, o mel de pau crystalisa muito mais lentamente e mesmo para conserval-o em garrafa, é preciso ferver-o, dando-lhe o ponto conveniente.

Ensaio, tentados sómente a titulo de curiosidade, com relação á cultura caseira destas especies indigenas, não autorizam ainda declarar se é possivel ou não a organização racional e lucrativa de apiarios de *Meliponideos*. O certo é que só o estudo meticoloso da biologia das melhores especies decidirá a questão e tal estudo ainda está, todo elle, por fazer.

Abiquára — Em Pernambuco é esta a pronuncia por “Biquára”.

Abotoado — Em Goyaz e Matto Grosso é o mesmo que “Cuyú-cuyú” (peixe).

Abreu — No Ceará, (ou “Manuel de Abreo” no Maranhão) é, segundo Ducke, a mesma abelha social *Melipona* (Trigona) *varia*, conhecida em Pernambuco por “Moça branca”.

Abróte ou “Bróta” — E' no Est. Sta. Catharina o nome de um peixe do mar, pertencente á fam. *Gadideos* (e de facto alguns pescadores, como o affirma o Capitão Boileux, denominam esse nosso peixe “Bacalhau”, levados a essa comparação pela relativa semelhança de aspecto, forma e sabor). Pertence porem o “Abróte” a uma sub-familia distincta, gen. *Urophycis*, alcança apenas 80 cm. de comprimento e no littoral catharinense apparece em pequenos cardumes nos mezes de Maio a Julho. Caracteriza-o o feitio alongado; dorsal composta de duas porções, a primeira com 11 raios, a segunda com mais de 50 e um tanto mais longa que a anal.

No mento ha um pequeno barbilhão. As escamas são miudas, cycloides. Ha varias especies em todo o littoral brasileiro.



A denominação “*Abrotea*” ou “*Abrota*” em Portugal é applicada a duas especies de peixes do gen. *Phycis*, egualmente da fam. *Gadideos* a que pertence o bacalhau legitimo.

Abutre — Nome de aves de rapina em Portugal (*Vultur* e *Gyps*), que correspondem, em seus habitos, mais ou menos ao nosso “*Urubú*”; erroneamente as vezes designam esta nossa ave com aquelle nome.

Acahé — Denominação indigena das gralhas. Em certas regiões os caboclos ainda a empregam de preferencia ao nome portuguez.

Açanã — O mesmo que “*Jaçanã*” na Amazonia; lá porem designa as especies do genero *Creciscus*, que no Sul são conhecidas por “*Frango d'agua*”.

Acanatic — Esta denominação, mencionada por Goeldi (Album Aves Amaz.), como synonymo de “*Taiassú-uira*”, tem sido copiada dessa fonte original por varios outros auctores. Não cremos, porem, ser esse vocabulo uzado pelo povo, pois foi evidentemente collido de alguma tribu indigena. A graphica original, “*Acanatic*”, repetida por Goeldi tres vezes da mesma forma em paginas differentes, parece excluir erro typographico. (talvez *Acanatié*). Assim a palavra não pode por ora figurar no lexicon brasileiro.

Acapitan — Na Revista da Academia Bras. de Letras (XIII, de 22) foi registrado como brasileirismo e como documentação foi citado o estudo de Rod. Garcia: “*Nomes de aves em lingua tupi*”.

Este auctor, menciona, correctamente, “*Missões e Paraguay*” como area de distribuição desse passaro, (*Paroaria capitata*), geralmente conhecido, no Brasil por “*Cardal*”; ocorre tambem em Matto Grosso, porem não nos consta que ali o povo lhe dê aquelle nome tupi, que portanto não pode figurar entre os brasileirismos, enquanto não fôr registrada documentação segura.

Acará — ou “*Acaratinga*” é denominação dada á “*Garça real*” (*Herodias egretta*), ao que parece só na Amazonia.

Acará — tambem Cará ou Papaterra. Peixes da fam. *Cichlideos*, do genero *Geophagus*, *Acara*, *Astronotus*, *Cichlasoma*, etc. A especie mais commum no Brasil meri-



dional, *G. brasiliensis*, attinge um palmo de comprimento, e como o corpo é alto e grosso, alguns pescadores o levam para casa; mas a carne não presta, pois, como o diz um dos seus nomes, estes peixes vivem do alimento que encontram no lodo. Os exemplares grandes perdem quasi todo o colorido que os caracteriza enquanto pequenos, lindo desenho de faixas claras e escuras, que passam pelo corpo de alto a baixo e como o azul escuro é metallico, irisado, esta especie de ha muito attrahiu a attenção dos amadores de aquarios. Além disto é peixe que facilmente procria, mesmo em pequenos recipientes e assim qualquer negociante europeu, que tenha os peixinhos vermelhos, originarios da China, também tem esses nossos patriciozinhos á venda.

Os tres generos acima citados comprehendem cerca de 25 especies, pela maior parte amazonicas e matto-grossenses. Seus parentes mais proximos são as *Joanninhas*, *Guenasas* e *Jacundás*.

Acará(u)assú. — Acará ou Cará grande, é denominação que em varias regiões do paiz designa especies diversas de peixes da fam. *Cichlideos* (gen. *Geophagus*, *Equidens* e outros). Na Amazonia applica-se a *Astronotus ocellatus*, da mesma familia. O feitio geral desta especie é o dos demais acarás, subelliptico e o colorido, muito caracteristico, consta de ornatos rubros sobre fundo verde denegrido, na cabeça, nos flancos e margeando uma grande mancha ocellar na base da cauda. Attinge quasi 30 cm. de comprimento. Diz J. Verissimo que os tapuios crêem poder attrahir o acaráassú para a superficie, dando, á flôr d'agua, estalidos com a lingua no ceu da bocca, como fazemos tocando um cavallo; avistado o peixe, varam-no com a flecha, certamente disparada.

Acará-topete — É o macho do acará commum (*Geophagus brasiliensis*) no qual se desenvolve uma sorte de tumor na cabeça; este topete parece que só lhe brota na época da reproducção, á guiza de gala nupcial.

Acará-péva; Acará-tinga; Acará-una — Comprehende varias especies de peixes do mesmo genero dos precedentes. Como o dizem os nomes tupis, são mais chatos (*péva*), brancos (*tinga*) ou pretos (*una*) que a especie typica; mas, zoologicamente, estes nomes não distinguem sufficientemente as especies, pois ha diversas com os mesmos caracteristicos. Aliás a palavra *Acará* ou *Cará* não se applica unicamente a este grupo de peixes, parecendo ter accepção ampla, extensiva também a varias especies marinhas.



SciELO

Acaro — Termo de origem scientifica, (nome de um genero) e que, na linguagem culta, em acceção mais ampla, designa todos os *Arachnoides* da ordem *Acarinos* (caracterizados por terem cabeça confluyente com o resto do corpo, sem segmentação). Zoologicamente aqui tambem fica comprehendida a fam. *Ixodideos*; a estes, porém, coube a denominação vulgar *Carrapatos*. Todos os outros acaros são menores, em boa parte quasi microscopicos. Convem notar que as formas larvaes desta ordem são hexapodas, como os insectos, e só na phase adulta passam a ter 4 pares de patas, como todos os *Arachnoides*. As especies que têm nomes vulgares são: *Sarna*, *Micuum*, os chamados *Piolhos de gallinha* e os acaros da fam. *Tryoglyphideos*. Estes ultimos medem apenas alguns decimos de millimetros e cada especie tem seu habitat predilecto, como sejam o queijo, a farinha embolorada, fructas seccas. Um outro grupo de acaros, de corpo alongado e provido apenas de 2 pares de pernas, vive nos vegetaes, sobre cujas folhas as muitas especies determinam galhas (*Eriophyideos*) e que pouco differem do parasita do homem (gen. *Demodex*).

Acary — O mesmo que *Guacary*. (Não confundir, porém, com *Cary*).

Acauã — tambem *Cauan*, *Uacauã* e *Macaguá*; ave de rapina da fam. *Falconideos*, *Herpetotheres cachinans*. Bello gavião, que ocorre em todo Brasil interior e na Amazonia. O costado é bruno-escuro, inclusive azas e cauda; esta tem algumas faixas transversaes, claras. O lado inferior é branco-amarellado e de igual côr são o alto da cabeça e uma faixa ao redor do pescoço. Na Amazonia é tido como ave agoureira, cujo canto ou grito, parecido com uma gargalhada estrepitosa, presagia desgraça. Em outras localidades amazonicas dizem que esta ave é o terror das mulheres, porque o *acauã* se apossa do espirito dellas e as obriga a cantar, com elle, as tres syllabas do seu nome.

Claro está que é tudo pura superstição e a ave, muito pelo contrario, só merece elogios e effectiva protecção, pois as cobras venenosas constituem seu prato de predilecção, como aliás o indica o nome generico.

Tambem nas lendas dos indios o *Acauan* figura como comedor de cobras. Durante as multiplas peripecias da fuga de um moço indio, perseguido pela velha gulosa, succede o seguinte: "O moço estava para ser moqueado por dois *surucucús*: ouvindo cantar o *makauan*, pediu o auxilio



deste, que logo comeu os dois surucucús e o moço poudo fugir...". (Barb. Rodrigues).

Acuráua — O mesmo que Bacurau, na Amazonia.

Acutimboia — Veja sob Cutimboia.

Acutipurú ou Agutipurú — Veja-se Serelepe.

Agachada — O mesmo que Narceja. Em Pernambuco diz-se Agachadeira.

Agua-fria — Peixe do mar.

Agua-viva — Celenterados marinhos, da classe dos Scyphozoários, também chamados Ponon, Chora-Vinagre, Mãe Joanna ou Alforrecas na linguagem vulgar (veja-se também sob Caravellas) e Medusas, sendo este ultimo nome de origem erudita. O corpo molle, gelatinoso e transparente não tem esqueleto e só quando mergulhado na agua, toma seu feitio natural, que lembra a forma dos cogumelos ou de um guarda-chuva aberto. A especie mais commum do nosso litoral é do genero *Rhizostoma* e alcança mais de um palmo de diametro; mas ha muitas outras especies bem maiores e muito mais lindas, tanto pelo feitio delicado, como pelo colorido. As especies desta classe são urticantes, isto é, tem um aparelho de defeza, com o qual dão alfinetadas ardidias; porem só em algumas (caravellas, chora-vinagre e outras) esse meio de defeza chega a ser tão violento, que seu contacto com a pelle humana provoca forte queimadura (dôr aguda e erythema). Seu alimento consiste em pequenos peixes, como sejam sardinhas e também camarões e, devido á transparencia do corpo gelatinoso, pode se observar como se realiza a digestão.

As medusas do feitio normal, como acima o descrevemos, locomovem-se contrahindo a campanula; este mesmo movimento também determina a circulação da agua, que promove a respiração. Em outros celenterados, o naturalista observa uma complexa divisão de trabalho, a ponto de se poder encarar o conjuncto como sendo uma reunião de muitos individuos, cada um de feitio especial, adequado á função que lhe compete; assim um certo grupo de individuos promove a fluctuação, outros funcionam como órgãos de sentido, que tacteiam, outros seguram a presa e outros a digerem. São estes *Siphonophoros* certamente os mais lindos seres do mar, tanto pela estrutura como pelo colorido



maravilhoso; algumas especies são phosphorescentes, como aliás o são também algumas medusas dos *Scyphozorios*.

Aguias. — As verdadeiras aguias, do gen. *Aquila*, não occorrem em nossa região faunística e os generos affins da mesma subfamilia *Aquilíneos* da America do Sul abrangem apenas especies menores. Se, porem, tomarmos a denominação “*Agua*” na accepção lata, designando possantes aves de rapina, podemos ufanar-nos de serem principalmente brasileiros os bellissimos “Gaviões de pennacho” ou “*Harpías* (veja estas).

Agua pescadora — Ave de rapina, da fam. *Falconideos* (*Pandion haliaetus carolinensis*) e que é apenas uma subespecie da forma européa. As aves americanas passam o verão aqui no Sul, mas, em chegando o inverno, emigram para o outro hemispherio. São aves athleticas, muito bem talhadas para o seu mister, que é a grande pesca no mar. As azas são longas, e, no repouso, suas pontas alcançam a da cauda. O colorido é escuro em cima, branco no lado ventral; a cabeça em boa parte também é branca. A plumagem é compacta e oleosa. Como o diz seu nome, esta agua vive da pesca e, tendo espreitado algum peixe que lhe convenha, atira-se á agua e chega a desaparecer por alguns momentos. As vezes reaparece com uma carga que equivale a um terço do seu proprio peso; voa então para uma arvore copada, a fim de saborear o peixe, socegradamente. Seu ninho é um amontoado de paus e gravetos, de mais de um metro de diametro e, voltando annualmente a occupal-o, augmenta-lhe ainda as dimensões.

Agulha — Peixes do mar, da fam. *Bellonideos*, generos *Belone* e *Tylosurus*, de corpo alongado e maxillares transformados em longo bico, provido de grande numero de dentes; os especimens maiores, que alcançam mais de um metro de comprimento, tornam-se perigosos aos pescadores. Igual nome têm ainda outros peixes semelhantes, da fam. *Eroceídeos* (*Hemirhamphus brasiliensis*), que porem são herbívoros, com dentes muito menores; de accordo com este genero de alimentação, a carne destas ultimas especies não é tão saborosa como a das “*Agulhas*” carnívoras.

No Reconcavo da Bahia as “*agulhas*” são pescadas por meio de um apparelho denominado “*rupichel*”. Compõe-se, segundo o Contra-Alm. Camara, de uma vara tendo na extremidade um arco de ferro com um sacco feito de rêde de malha miúda, nella cosida; é portanto um apparelho semelhante á conhecida rêde de apanhar borbo-



leta. Em noites escuras, sahem os pescadores em pequenas embarcações com um facho ou uma lanterna, para clarear a agua e lontear assim o peixe, que nada á tona. A embarcação segue em direcção contraria á maré e quando o pescador, collocado na proa, avista as agulhas bate com o rupichel na agua em frente á direcção em que vêm os peixes e como estes sempre saltam para a frente, assim entram no bolso da rêde.

Agulhas — Designa-se assim em especial a maior das quatro especies do genero *Tylosurus*, *T. raphidoma* e que se distingue anatomicamente das demais, por ter 22 a 23 raios dorsaes e 20 a 21 anaes, ao passo que as outras especies tem respectivamente 13 a 15 dorsaes e 14 a 18 anaes.

Agulhas de vela — Peixe do mar, registrado na lista official (Voz do Mar N. 17) como concorrendo com regular quantidade para o mercado do Rio Grande do Norte. Parece que a "vela" deve se referir á nadadeira dorsal falcada de *Tylosurus*, tambem conhecido por AGULHÃO BANDEIRA — Veja acima.

Aguti — O mesmo que "Cutia".

Agutipurú — Varios auctores assim grapham a denominação amazonia dos "*Caxinguelês* ou "*Serelepes*"; (veja este) tambem Barbosa Rodrigues emprega só esta graphia, cuja etymologia explica como "*cutia purú*", emprestada, isto é: que emprestou o feitiço. Comtudo a pronuncia mais generalizada é "*Coatipurú*" ou "*Quatipurú*".

Aquella forma lembraria parentesco com a Cutia (ou Aguti, na pronuncia indigena), ao passo que, por serem ambos arborícolas e providos de longe cauda, a comparação com o "Coati" tem mais razão de ser. Tambem na geographia amazonia, a forma Quatipurú está consagrada.

Ai — Nome indigena da "Preguiça". "Ayg" é graphia que imita melhor a pronuncia original.

Aiassá — ou "*Ayussá*", é termo amazonico, que parece abranger varias especies de tartarugas da agua doce, do gen. *Podocnemis*, applicado porem (unicamente ou de preferencia?) aos especimens novos. Contudo Goeldi, em sua monographia, o restringe a *Podocnemis sextuberculata* e tambem o Museu Paulista obteve, sob o nome "Pitiu aiasá", um exemplar dessa especie, de 17 cm. de comprimento, colhido no alto Juruá. Os especimens adultos desta ultima



especie parece que não ultrapassam 30 cm. de comprimento. Alias a significação original, lupy, deve ser generica.

Aierêba — Raia da fam. *Dasyatideos*, *Dasyatis orbicularis*, de corpo um tanto oval e de cauda longa, provida de um aculeo, a pouca distancia da base. Mais conhecida é a especie congenera "Raia lixa".

Alyussá — Veja "Aiassá" e tambem "Tartaruga da Amazonia".

Ajurú — Na Amazonia, é denominação generica de varias especies de papagaios do gen. *Amazona*, ao qual pertence o "Papagaio verdadeiro".

Albacora — Veja "Alvacora".

Albatroz — ou "Gaivotão" — Ave oceanica da fam. *Diomededeos*, *Diomedea melanophrys*. Bella ave branca, com dorso e azas escuras; a cauda é cinzenta, os pés e o bico são amarelllos, este com ponta mais escura. Mede 75 cm. de comprimento total e a envergadura é de mais de um metro. No litoral de S. Paulo já é raro, pois prefere as regiões frias do Sul. Lembraremos que o nome, derivado do inglez, tem a mesma origem que "Alcatraz".

Alcaide — Especie de "Gaturamo", *Euphonia pectoralis*, que se distingue das especies congeneres por ter barriga de cor castanha, quando os outros gaturamos tem o lado ventral amarello. E' do Brasil meridional, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Alcatraz — ou "Tesoura" ou "Grapira" ou no Rio de Janeiro, "João Grande". Ave oceanica da fam. *Fregatideos*, *Fregata aquila*. O macho tem plumagem inteiramente preta; só as partes nuas da garganta e dos pés são vermelhos; a fema tem pescoço e peito brancos. Coube-lhe o nome "tesoura", por ser a cauda muito comprida e bifurecada, como uma tesoura. E' ave maritima, que se estende do Paraná ás regiões temperadas da America do Norte e gosta de frequentar os portos. E' um tyranno das outras aves pescadoras, as quaes obriga a regorgitar a preza já ingerida, apanhando no vôo o peixe vomitado, antes deste attingir a agua. Acompanha os navios em alto mar, a grande distancia da costa e assim é uma das primeiras aves que indicam aos navegantes a proximidade de terra.



SciELO

Alecrim — Ouvimos designar assim algum selachio. Talvez seja, porem, apenas a corruptéla de “*Annequim*”.

Alegrinho — Passarinho da fam. *Tyrannideos*, *Serpophaga subcristata*. O colorido é cinzento-azeitonado em cima, branco-amarello embaixo; o vertice cinzento tem uma mancha branca e de igual cor são duas faixas sobre a aza. Habita todo o Sul do paiz, até S. Paulo e Minas.

Alfaiate — O mesmo que “*Serra-serra*”.

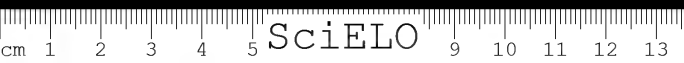
Alforréca — Em Portugal e tambem entre nós alguns praiheiros conhecem por este nome as medusas ou “*Agua-vivas*”.

Alincorne — Má pronuncia de “*Unicorne*”; na Amazonia designam assim a “*Anhumá*”.

Alleluia — São as femeas aladas dos cupins. Às centenas saem ellas dos ninhos, quasi sempre á tardinha, apoz a chuva, nos mezes de Outubro e Novembro. Nesta occasião, depois de fecundadas, escolhem logar apropriado para o inicio do novo cupim. E’ geralmente conhecida a facilidade com que ellas se desfazem das azas (*autotomia*), logo que não as necessitem mais para o vôo. O povo as vezes confunde a alleluia como a “*Sará-sará*” (formigas) e tambem com as “*Siriruias*” (Ephemeridas). Desconfia o Dr. Neiva que “*alleluia*” neste sentido, seja apenas corruptela de “*siriruiá*”.

Alma de caboclo — ou

Alma de gato — ou “*Rabo de palha*” “*Rabo de escrivão*”, “*Rabilonga*”, ou “*Tinguassú*” ou “*Chincuan*” na Amazonia ou “*Meia-pataca*”. (Porem em certas zonas do Rio Grande do Sul, onde esta especie não ocorre, o nome “*Alma de gato*” coube á ave conhecida em S. Paulo por “*Anú branco*”). Ave da fam. *Cuculideos*, *Piaya cayana*, cujo comprimento attinge 50 cm., cabendo dois terços á cauda. A cor do lado superior é castanho-parda, o lado inferior é cinzento-ardosia na barriga, mas o pescoço e o peito são vermelho-cinzentos. As pontas das pennas caudaes, gradativamente mais curtas, do meio para os lados, tem a ponta branca. Pela variedade dos nomes com que foi chrysmada, vê-se que goza de popularidade, devido em parte ao desembaraço com que se mostra ao redor das casas da roça; sua presença, aliás, é util, pois sua faina diaria consiste em dar caça aos carrapatos do gado e aos



gafanhotos. Diz Goeldi que “Alma de gato” é um compilador das obras musicaes de seus companheiros, mas devemos acrescentar que é com bem pouca arte que ella o faz. Veja-se o que dizem os amazonenses deste “Chincuan”.

Alma de mestre — Ave oceanica da fam. *Procellarideos*, *Oceanites oceanica*. Mede 17 cm. de comprimento; o colorido é escuro, um pouco mais claro no lado ventral; as coberteiras das azas são cinzentas, as da cauda são brancas.

Alvacora — Peixe do mar da fam. *Scombrideos*, *Thunnus alalunga*, e um tanto semelhante á Cavalla, Sororóca ou Bonito, da mesma familia. (O “a t u m”, que é do mesmo genero, porem muito maior, não occorre em nossas aguas). A alvacora attinge 1 metro de comprimento e como o corpo é volumoso, chega a pesar 8 e mesmo 10 kilos. Caracterizam-na as 3 carenas no extremo posterior do pedunculo caudal; esta nadadeira é perfeitamente semilunar. O colorido do lado superior é azul de aço, escuro; a parte inferior é branca. No mercado alcança cotação superior á da cavalla, por ser a carne mais tenra e solta. Procura de preferencia as aguas perfeitamente limpidas e no extremo Norte é pescada em grande quantidade nos mezes de estiagem (Outubro a Janeiro). Transcrevemos da “Voz do Mar”, N.º 23 a seguinte descripção do processo de pesca “de corso”, uzado na Parahyba e no Rio Grande do Norte, onde aliás esse systema de pesca é conhecido pela denominação “de corrico”.

“Na pôpa da embarcação, que não cessa de velejar em todos os sentidos, são lançadas duas linhas (“linhas de corso”) munidas de anzoes especiaes com iscas de sardinhas ou pirá. Cerca de 60 braças de cada linha são arrastadas pela embarcação, ficando disponiveis a bordo 40 ou 50 braças. Cada uma dessas linhas é manobrada por um pescador, que a prende á cintura com um laço falso, de modo a desfazer-se quando o peixe se ferra no anzol. Nesse momento o mestre faz pannejar a embarcação, desenrolando-se durante a manobra a linha disponivel no barco, isto para não forçar o peixe. Collida a albacora, continúa a faina enquanto ha luz solar, sendo commum uma só embarcação colher 50 a 80 peixes por dia”.

Alvacora lageira — Peixe semelhante ao precedente, porem um tanto maior.

Amanassaia — O mesmo que “Mandassaia”.



Ambira — Na região de Iguape (Estado de São Paulo) denominam assim, segundo A. Neiva, as lagartas urticantes. E' pois, synonymo, ao que parece puramente local, de "Tatorana".

Ambóá — Em Matto Grosso, é o mesmo que "Emboá".

Amboré — O mesmo que "Chimboré".

Ameija ou "Ameijoá" — Mollusco *Lamellibranchio* da fam. *Luciniideos* (*Lucina jamaicensis* e *Lucina brasiliensis*). E' uma das especies comestiveis e muito apreciada pelos praiheiros; ha occasiões em que é colhida em grande quantidade no lagamar.

Amejua — Na Amazonia designa varios lacertileos e parece que seu nome generico latino, *Ameiva*, não é senão corruptéla desse nome vulgar.

Amoreia ou "Amoré" ou "Aymoré" — O mesmo que "Mussurungo".

Anacã — Ave da fam. *Psittacideos*, *Deroptylus accipitrinus*, sem duvida o mais interessante dos nossos papagaios, mas que só ocorre na Amazonia. Tem uma gola de pennas longas, bordadas de azul, ao redor do pescoço e quando excitada, a ave levanta este seu lindo ornato em forma de leque. A cabeça é bruna, o dorso e as azas são verdes; o ventre azul tem manchas vermelhas e verdes; a cauda é longa. Vive em bandos; tambem o grito dessa ave interessante differe do dos demais *Psittacideos*: é um vigoroso "kiá-kiá-kiá-güi-güi-güi".

No Sul do paiz dão o mesmo nome ao "Maracanáguassú".

Anajá — E', no Maranhão, um pequeno caranguejo es-carlate, que vive trepado nos mangues. Provavelmente são especimens novos de *Goniopsis cruentatus*.

Anambé — ou "Guainambé" — Na Amazonia é este o nome generico dos passaros da fam. *Cotingideos* (generos *Cotinga*, *Xipholena*, *Tilyra*, *Jodopleura*, etc.), aos quaes no Sul correspondem os "Corocochós". São em geral especies de tamanho meão, como a "Araponga", seu representante mais conhecido no Brasil meridional. Ha "Anambés" de varias côres: "A. azul", que é dessa côr no dorso; porem o lado inferior é vermelho purpureo e as azas e a cauda são pretas; gen. *Cotinga* (nome generico este



derivado de igual denominação indigena). “*Anambé preto*” (*Querula purpurata*) é passaro preto, porem o macho tem garganta purpurea. “*Anambé branco*” (gen. *Tityra*) tem plumagem em parte branca, em parte preta (azas e cauda). Veja-se ainda “*Bacacú*” e “*Cricrió*”.

Anambé-pitiú — ou “*Anambé-ássú*” ou “*Pombo-a-nambé*”. E’ passaro pertence de facto á fam. *Cotin-gideos*, a qual comprehende os verdadeiros Anambés. A presente especie, porem, (*Gymnoderus foetidus*) differe sensivelmente daquellas e assim admira o tino zoologico demonstrado pelo indigena em sua terminologia. O porte é relativamente grande, a côr geral negra, com azas bem mais claras; caracteriza-o porem o curioso collarinho de pelle nua, rugada, de côr azul escura, ao redor do pescoço. Tambem o bico é azul. Tanto o nome especifico, como o “*pitiú*” designam a ave como mal cheirosa. Vive só na Amazonia e no Matto Grosso.

Anahy — Ave da fam. *Anatideos*, *Nettion brasiliensis*. E’ o marreco mais commum do Brasil, da Amazonia ao Rio Grande do Sul. O colorido geral é pardo-cinzeno, mais claro no lado inferior; a cabeça em cima e o pescoço superior são mais escuros; a face é castanha e a garganta alvacentas; no peito e na barriga notam-se faixas transversaes; as azas tem colorido negro, verde e azul metallico e pontas brancas. A femea distingue-se pelas manchas brancas na região dos olhos.

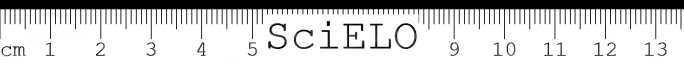
Anatto — O mesmo que “*Pirarucú*”.

Anchova — O mesmo que “*Enchova*”; esta é a pronuncia brasileira, aquella a portugueza.

Andira ou “*Guandira*” — Synonymo de morecego em geral (Couto de Magalhães escreve *andirá*).

Andira-guassú — Nome indigena que designa as especies maiores de morecos, taes como *Phyllostoma spectrum*, com 72 cm. de envergadura, e *Ph. hastatum*, com pouco menos. No sul do Brasil as especies maiores attingem apenas 50 cm. de envergadura.

Andorinhas — Passaros da fam. *Hirundinideos*, ao todo 14 especies brasileiras, de feitio muito caracteristico, talhado para o vôo rapido e elegante. O colorido do lado superior é ou azul metallico ou pardacento; a parte ventral de muitas



SciELO

especies é branca e algumas tem ornatos avermelhados. Ha algumas especies de andorinhas que nidificam na America do Norte e vem passar o inverno aqui; mas a maior parte procria no Brasil, fazendo ainda assim as suas migrações. Muitas especies excavam canaes nos barrancos ou aproveitam os que encontram já feitos por outros animaes; outras nidificam em troncos ôcos, ou então fazem ninhos, como os outros passaros semidomesticos, por baixo das telhas das casas. Nenhuma das nossas andorinhas constroe ninho de barro, como o fazem as especies correspondentes europeas.

Na lista dos passaros uteis, as andorinhas figuram em primeiro plano e esta utilidade resalta ainda melhor, tornando-se patente, mesmo a quem não costuma prestar attenção ás cousas de biologia, quando se observa um centro de reunião destes passaros, como o é a já celebre "Casa das andorinhas" de Campinas.

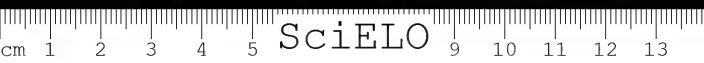
Repetidas vezes literatos de estylo brilhante procuraram descrever o bellissimo espectáculo que offerece essa casa, onde á noite se recolhem nuvens de milhares de andorinhas e lembraremos em especial o formoso quadro, depintado por Ruy Barbosa, em uma de suas famosas orações.

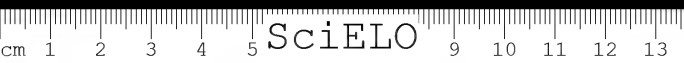
No amplo barracão situado no centro da cidade de Campinas funcionava outr'ora um mercado; invadido pelas andorinhas, foi elle cedido a estas pela municipalidade. Demonstrando assim elevada comprehensão desse curioso e utilissimo phenomeno, Campinas incorporou a "Casa das Andorinhas" ás suas mais attrahentes curiosidades naturaes.

Dedicamos certa noite á observação desse interessantissimo albergue. Passamos a noite toda em claro e, hora por hora, voltavamos a vigiar as andorinhas. Accomodadas nas ripas do telhado, e pousadas corpo a corpo, enchiam ellas literalmente todo o espaço disponivel, forrando assim completamente as duas abas do telhado.

A's primeiras horas da noite, algumas ainda voavam de um ponto para outro, rente com o telhado, porem poucas, pois difficilmente encontravam algures espaço sufficiente entre as companheiras, para de novo se accomodar. Chilreavam, porem, continuamente, ora um pouco menos, ora numa gritaria excitada ou raivosa, em que todas tomavam parte. Houve quem comparasse, com certa propriedade, todo aquelle barulho a um remexer continuo de uma grande montocira de cacos de vidro e de louça. As horas passavam, mas o chilrear continuava incessante, sempre o mesmo.

Hora por hora voltavamos a certificar-nos de que, como nós, as andorinhas não dormiam. Até a madrugada o rumor confuso continuou; positivamente tivemos a quasi certeza de que nenhuma das andorinhas conseguira dormir um mo-



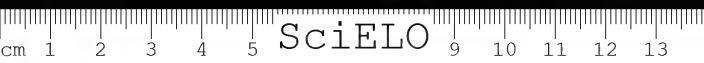


mento, se quer. E affirmaram-nos os moradores visinhos que todas as noites aquella mesma algazarra se repete.

Ainda no horizonte não se distinguíam os primeiros alcores e um pequeno grupo de andorinhas, algumas dezenas apenas, voou para fóra, a dar ligeira volta pelo espaço. Em breve recolheram-se ao telheiro. Momentos depois novo bando, já accrescido de mais algumas dezenas de companheiras, descreveu o mesmo gyro, talvez mais amplo e mais demorado. Recolheram-se também estas, novamente, ao pouso. Assim numerosas vezes se repetiram os ensaios e, sempre que o bando tornava a sair, novas compauheiras se lhe aggregavam. Por fim, quando o horizonte já clareava sensivelmente e as nuvens tomavam as lindas cores da aurora, quasi todas as andorinhas haviam renunciado ao repouso. Formando nuvens, milhares de passaros voltigavam no ar, mais ou menos agglomerados, de modo a constituírem enormes, extensas faixas, ora isoladas, ora reunidas em um unico véo estirado, immenso, sinuoso, vivo. Gozando as delicias do voo e como que correspondendo ao desejo do espectador maravilhado, prolongaram as andorinhas a encantadora visão, até resolverem partir, todas juntas, para o trabalho... E assim, apoz uma ultima evolução mais ampla, a columna partiu para o campo; até o horizonte pudemos acompanhar com a vista a faixa viva que, não sabemos a que distancia, se desaggregaria em milhares de auxiliares dos agricultores.

Fizemos um calculo, alias bastante simples, para avaliar o numero desses hospedes do albergue campineiro. Medimos a extensão do telhado e contamos o numero de ripas, multiplicando depois a metragem obtida pelo numero de passarinhos que, bem unidos uns aos outros, se accomodavam em um metro de ripa. Por tal calculo não podiamos errar senão por pequena fracção, porque não havia meio palmo de ripa sem locador. Obtivemos esta cifra: 30.000 andorinhas, todas da mesma especie, *Progne chalybea domestica*, conhecida por "andorinha grande" ou também por "Taperá". Imagine-se agora a enorme quantidade de alimento reparador de que necessita cada um desses organismos, que por assim dizer não descansam o dia inteiro, sempre a voltigear rapidamente.

As andorinhas são unica e exclusivamente entomophagas e como cada uma dellas necessita no minimo de 60 a 80 insectos para sua refeição diaria, vemos que o bemfazejo bando campineiro, todos os dias, extermina para mais de 2 milhões de insectos. Pouca gente avalia ao certo o grande beneficio que dahi advem ás condições da lavoura e da hygiene de uma região. Iniciando sua acção justamente nos mezes em que os insectos cuidam de sua multiplicação, as





andorinhas, desde logo, fazem baixar o numero de femeas dispostas a desvoar, evitando assim os males e as depredações que acarretaria a eclosão de uma infinidade de larvas e lagartas vorazes.

O mesmo nome de "Andorinhas" cabe tambem ás aves da fam. *Cypselideos*, com mais propriedade conhecidas por "Taperussú". Apesar de terem de facto o aspecto de andorinhas grandes, pertencem a uma ordem diversa, (*Coraciiformes*), e são antes aparentados com os curiangos e beija-flores.

Andorinha do mar — Ave da fam. *Larideos*, *Phaetusa magnirostris*. Espécie de gaivota do litoral e dos grandes rios. A cauda é curta; a cor geral, cinzenta; a cabeça em cima e a nuca são pretas, bem como as remiges; o lado inferior e as coberteiras das azas são brancas; bico e pés amarellos.

Andorinha do matto — O povo teima em comparar com as andorinhas um passarinho pertencente á fam. *Bucconideos*, *Chelidoptera tenebrosa*, e portanto, zoologicamente aparentado com o "João Bôbô". Dão-lhe tambem o nome "Taperá", igualmente allusivo ás andorinhas. No entanto esse passaro tem corpo grosso, bem do feitio do "Dormião", e a côr da plumagem é preta, apenas com uropygio e crisso brancos e parte posterior da barriga avermelhada, castanha. Pelo colorido assenta-lhe melhor a denominação amazonica "Urubúzinho".

Andorinhões ou "Taperussús" — Aves da fam. *Cypselideos*, ao todo 11 especies brasileiras (generos principais: *Chaetura*, *Cypseloides*). Impropriamente tambem lhes dão o nome de "Gaivotas". Realmente ha especies que ao leigo é difficil distinguir das andorinhas. Nestas a cauda tem 12 rectrizes, e apenas 10 nos *Cypselideos*; differem ainda pelo comprimento das coberteiras exteriores das azas, cobrindo ellas mais da metade das remiges do braço; alem disto o tarso é muito curto. Nas especies do genero *Chaetura*, as pontas das pennas caudaes sobresaem como espinhos. O ninho é muito curioso: representa um canudo de feltro, as vezes de um metro de comprimento, grudado ao tronco de uma arvore; a entrada está na abertura inferior e no terço superior ha uma divisão interna, uma especie de bolsa, onde se acham guardados os ovos. O feltro com o qual o andorinhão constroe seu ninho, é preparado da seguinte forma: catando as sementes aladas de uma planta (*Trixis divaricata*), o andorinhão molha essa paina com sua saliva glu-



tinosa, imitando mais ou menos o trabalho de um seu parente asiatico, cujos ninhos são feitos de algas marinhas e tambem abundantemente ensalivadas. Constituem assim a passagem para um typo mais curioso ainda, que é o ninho da *Salangana*, feito unicamente de saliva endurecida. Esses são os famosos “ninhos de andorinhas”, que no mercado asiatico são comprados por alto preço, pois constituem um petisco, mais saboroso ainda que os celebres ratinhos recém-nascidos, passados no mel, a delicia dos chinezes!

Na Amazonia o povo attribue propriedades magicas a pedacinhos que sejam, de ninhos de *Panyptila*, pelo que são vendidos por bom preço, mas com o nome de “ninho de cauré”, quando lá esse nome designa o pequeno gavião “*Tém-zinho*” (Veja sob Cauré e tambem Goeldi, Bol. Mus. Pará, Vol. II, pg. 430).

Algumas especies de Andorinhões vivem em bandos numerosos e pousam as vezes ás centenas no interior de grandes arvores ôcas. Conhecido é o seu pouso do Salto de Itú, ao redor do qual revoam constantemente. (Veja-se tambem “*T a p e r á*”).

Anemona — O mesmo que “*Flor das pedras*”. (Veja esta) Aquelle termo é erudito e deriva do nome generico *Anemonia*. E’ uzado apenas pelos auctores de compendios zoologicos; o nosso povo emprega só a denominação mais descriptiva, que cabe perfeitamente aos bellos Celenterados.

Anhá — Peixes cascudos agua doce, fam. *Loricariideos*, comprehendendo varias especies do genero *Plecostomus*, em geral conhecidos por “*Cascudos*” ou “*Guacarys*”.

Anhinga — O mesmo que “*Biguá-tinga*”.

Anhuma — Ave da fam. *Palamedeideos*, *Palamedea cornuta*, na Amazonia tambem conhecida por “*Cauintaú*” ou “*Cametaú*” e “*Unicorneo*”. E’ ave grande, de 85 cm. de comprimento, comparavel ao Perú, mas caracterizada por varias singularidades. Os pés tem dedos enormes, o que lhe facilita a locomoção nos banhados, sobre as plantas aquaticas. Na cabeça tem um “chifre” ou antes um espinho recurvado, corneo, de 12 cm. de comprimento, implantado sobre a pelle; o bordo anterior da aza é provido de 2 esporões, dos quaes a ave se utiliza como arma perigosa. O colorido geral é bruno denegrido e preto, excepto o ventre, que é branco. A parte anterior e a cabeça são chamaloteados.

Já o velho Marcgrave, ao descrever metieculosamente esta ave, procurou reproduzir-lhe a voz, graphando *vyhú-vyhú*,



o que de facto dá uma ideia do seu grito retumbante. E' ave herbívora, ao que parece, pois varios naturalistas, ao lhe examinarem o conteúdo estomacal, ali só encontraram folhas de gramíneas, de plantas palustres e da azedinha. Vive sempre á beira dos rios e depois de passeiar pelas praias ou mesmo pela agua, voa para a copa das arvores; seu vôo é facil, lembrando o dos urubús.

O exquisito chifre frontal de tal modo impressionou os naturaes, que ha muito tempo lhe são attribuidas virtudes curativas; o historiador Baena registar ser elle "especioso antidoto contra ataques de estupor e tambem preservativo".

Anhumapoca ou *Anhupócca* — Em Matto Grosso é o mesmo que "Tachã". E' evidente, pela etymologia, a comparação que o indio estabeleceu entre esta especie e a "Anhumã", que de facto com ella se parece pelo vulto.

Anicauera — Goeldi registra este nome amazonico para um "Peixe cachorro" (*Xiphorhamphus falcirostris*).

Anicavara — Synonymo, provavelmente local, do passaro *Cissopis major*, mais conhecido por "Tiétinga" ou "Prebixim".

Anjo — O mesmo que "Cação anjo".

Annequim — Tubarão da fam. *Lamniideos*. *Carcharodon carcharias*, uma das maiores especies e certamente a mais voraz. Attinge 12 metros de comprimento e seu peso pode ser comparado ao de tres bois. E' extremamente veloz e qualquer preza lhe serve; não raro engole tambem panos, ferramentas e semelhantes coisas, que qualquer outro animal não tentaria digerir! Naturalmente, é o maior perigo a que estão expostos naufragos ou banhistas imprudentes; para acalmar os mais medrosos de entre estes ultimos, devemos accrescentar que os tubarões evitam as aguas mais razas, porque temem ser arrastados pelas ondas para a praia. O nome corresponde á denominação franceza "requin", da qual os etymologos derivam a palavra portugueza. Por sua vez, *Requin* seria o *Requiem* latino, o repouso... final, que o silachio proporciona a quem lhe cahir ao alcance dos dentes.

Anojado — Peixe de couro (*Nematognathas*) dos rios do Norte (Maranhão).

Anta ou "Tapir" — Mammifero ungulado, perissodactylo da fam. *Tapirideos*, *Tapirus americanus*. E' uma das



nossas maiores caças, pois mede até 2 metros de comprimento e 1 m. de altura; tem 4 dedos na mão e 3 nos pés. Um exemplar de 1m.82 de comprimento, examinado pelo Dr. A. Neiva, pesava mais ou menos 170 kilos.

O pello é uniforme, bruno pardo, mas os filhotes são malhados, isto é ornados de 4 ou 5 linhas longitudinaes, parallelas, um pouco tremidas, além de varios traços intermediarios e manchinhas irregulares nas pernas e na cabeça. Só depois do sexto mez, quando a anta nova já tem mais de um metro de comprimento, o colorido torna-se uniforme; no entanto essa roupagem, como tambem a dos veadiños malhados, é muito util ao animal, quando elle busca esconder-se no lusco-fusco da matta. Caracteristico é o focinho, que termina em uma especie de tromba movel. A cauda é curta; as orelhas são moveis como as do cavallo. Habita as mattas cerradas, nas proximidades dos rios, nada e mergulha perfeitamente e é sempre em direcção á agua que foge, quando acossada. E' animal de força extraordinaria, podendo, na corrida, atravessar o matto mais trançado. Pasta e come fructas do matto; tambem invade as roças. E' caça das mais apreciadas, mas aos poucos vae sendo exterminada.

Anta *gamelleira*, anta *xuré*, *batupéva* e *batuvira* são nomes que os caçadores dão ao que supõem ser variedades; mas a nossa especie é uma só, da Argentina á Venezuela. Mais para o norte, até o Mexico, ha duas especies differentes e na India e Sul da China tambem ha uma especie bastante semelhante á nossa, mas seu colorido é bem diverso, por ter como que uma mancha branca nas costas.

A palavra *anta* parece ser de origem arabe (designando um Cervideo sem galhada). *Tapir* é seu nome tupi e *Mborebi* em guarani; *mborepirape* é a vereda aberta pela anta na matta e assim tambem denominavam os indios a Via Lactea.

Transcrevemos, abreviadamente, a descripção de uma caçada de anta por Varnhagen (Manual do Caçador). "A existencia das antas, que de ordinario andam juntas, aca-saladas, é manifesta pelas picadas que abre o animal pelo matto e principalmente pela enorme pista que deixam suas patas. Bem estudados os rastos, por um bom batedor de matto, passam os caçadores de manhã cedo ao local e se distribuem pelas tucayas ou esperas, isto é, pelas paragens de suas picadas costumadas, que ella terá instinctivamente de tomar quando acossada pelos cães. Logo são estes, ainda em trellas, levados pelos batedores, ao sitio donde deve começar a batida, e os mettem no rasto, desajoujados.





Sendo o terreno de morro, a batida faz-se do cimo para os valles, os caçadores devem ter todo o cuidado de se desviar de diante do caminho da anta, pois vai com tal força, que com a tromba derriba arvores e rompe grossos taquarussús, para o que vac fazendo grande ruído.

A anta prefere, como o veado, refugiar-se na agua, da perseguição dos cachorros. Querendo-se a anta viva, nada mais facil do que laçal-a, quando ella se acha empoçada, e prendel-a depois pelos pés e pelas mãos.

Se ha poucos cachorros seguindo a anta, ou se ella não encontra sahida, as vezes senta-se ou acua, fazendo-lhes frente e não poucas vezes os destroça. O nosso monteiro havia desatrellado os cães na bocaina de uma pequena serra visinha, no rasto de um casal de antas. Acossadas pelos cães, separou-se uma da outra e os batedores preferiram enca-minhar os cães contra a que devia ir parar no poço; era a femea. Montamos a cavallo e nos lançamos a correr para o sitio onde se nos chamava.

Chegamos perto do poço em que se achava o animal nadando na agua. Era uma anta das grandes, mas afigurava ser muito maior, como sempre succede quando estão n'agua. Os cabellos pareciam retesados e eriçados. A fera, ao ver-nos com as nossas espingardas, fixou os olhos sobre nós e como que se horrorizou: franziu a tromba, mostrou os dentes e resfolgou. A impressão que me fez esta scena me ficará para sempre presente. Do tempo que levaram os cumprimentos, para que se decidisse a quem tocariam as honras do primeiro tiro, se aproveitou a anta para seguir pelo correjo a cima, a procurar outro poço. Alcançamos a margem do poço superior, onde a anta estava mergulhada. O susto que havíamos passado de a haver perdido, fez pôr de parte as cerimoniaes. O Dr. J. apenas viu a anta com a cabeça de fóra, descarregou nella os dois canos de sua espingarda, entrando a carga dois dedos por detraz da orelha (que é o melhor tiro de morte) com que a rez curvou a cabeça e se foi morrendo, exhalando uma catínga enjoativa.

Logo se começou a operação do esfolamento. Cortaram-se as quatro patas ou mocotós, que se distribuiram pelos caçadores como trophéo da caçada. As patas dianteiras são preferidas por terem quatro unhas, quando as trazeiras só tem tres. O cacho, cuja gordura dizem ser mui propria para fomentações em dores rheumaticas, e o lombo, cuja carne é menos aspera, seriam talvez depois aproveitados pelos batedores; e provavelmente toda a carne seria tambem comida, depois de haver estado de molho no correjo vinte e quatro horas, com o que, dizem, fica branca e sem catínga, e não dá lepra a quem a come (falsa supposição, que o po-



vo também attribue a varias outras caças, ditas “de carne quente”).

Anú — Ave da fam. *Cuculideos*, *Crotophaga ani*. E’ bem conhecida esta ave, que se caracteriza pela crista mediana do bico; o colorido é uniforme, preto, com brilho metálico. Habita toda a America do Sul, do Norte da Argentina até a America Central e mesmo a Florida.

Para differenciar esta especie das congeneres, chamam-na “Anú preto” ou, na Amazonia, Anú-a hy”.

E’ ave essencialmente gregaria; nos pastos ou nos carascaes sempre que voa um anú, logo o resto do bandinho de 10 ou 20 aves o segue, repetindo o grito aflautado. Ainda durante a procreação a ave manifesta bem o seu instincto social. O ninho, grosseiramente construido de talos e gravelos, acha-se sempre a certa altura entre a folhagem de arbustos e parece estar averiguado que varias femeas põem seus ovos no mesmo ninho; consiste assim a ninhada em 10, 15 ou mesmo 20 ovos, de cor verde azul, cuja casca é coberta por uma camada branca, calcarea. Não poude ainda ser verificado si as femeas se revesam no chôco, mas são muitas as que contribuem para catar os innumerados insectos, necessarios para cevar os pintainhos.

E’ ave dos campos, que gosta de pousar sobre o gado, para lhe catar os carrapatos, e não é pequeno o serviço que presta, pois houve quem contasse nada menos de 74 carrapatos, que formavam o conteúdo do estomago de uma só ave.

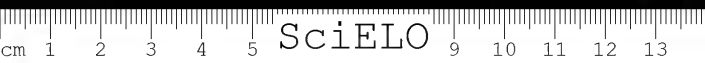
Anú branco — ou do campo. Ave da mesma familia do Anú, mas de outro genero, *Guira guira*.

Na Amazonia também é conhecido por “Quirirú” e “Piririgú”. O colorido predominante é branco, mas nas costas, principalmente, ha abundante desenho preto, ao passo que este no pescoço e no peito só apparece como linhas ao longo das hastes das pennas; as azas e boa parte das pennas caudales são bruno-escuras. O alto da cabeça é ruivo e as pennas formam uma sorte de crista. E’ também de vasta distribuição na America.

Nas zonas riograndenses, em que não occorre a *Piaya cayana*, a este anú cabe o nome de “Alma de gato”.

Anú corôca — No Pará é o mesmo que “Anú-guasú”.

Anú-guassú — Especie de anú, *Crotophaga major*, mede 45 cm. de comprimento; é portanto uns 12 cm. maior que o





precedente. E' especie bem mais rara que aquella, que de resto em tudo se lhe assemelha.

Na Amazonia é conhecido por "Anú corôca" e mais para o sul: "Anú galego" ou "da serra". E' considerado ave agoureira.

Anum-peixe — O mesmo que "Anum guassú".

Anunjá — tambem chamado "Cumbaca" "Peixe cachorro" ou "Cabeça de ferro" na Amazonia. E' peixe de couro da fam. *Trachycorystideo*, conhecido do rio S. Francisco, Amazonia e Matto Grosso, *Trachycorystes gabatus*, um tanto semelhante á "Buréva" porém com nada-deira caudal redonda e não furcada. A cabeça, na parte superior, não tem revestimento dermico e as placas osseas são granulosas; dahi o nome "Cabeça de ferro".

Geralmente o corpo quasi todo, mostra desenho branco sobre fundo escuro e manchas irregulares. Attinge 20 cm. de comprimento (os especimens menores são chamados "Cachorrinhos").

Apacanim — Aves de rapina da fam. *Falconideos*, *Spizeatus ornatus* e *tyrannus*.

São bellas aguias com pequeno pennacho (veja sob "Gavião real"), de colorido bruno escuro, com abundante enfeite de faixas transversaes brancas, na cauda e nas azas (nestas mais nitidamente no lado interno), nas pernas e tambem na base do pennacho.

Como o registrou Barbosa Rodrigues (Poranduba pg. 287), o "Yapacanim" pelo verão sempre vòa muito alto subindo ás nuvens verticalmente e descendo da mesma forma; seu grito pronuncia o nome pelo qual é conhecido.

Uma cantiga dos indios do rio Solimões, colhida pelo mesmo scientista, diz: "Quando eu morrer, me ponham no meio do matto, que ahi está o tatú-canastra para meu coveiro, o urubutinga para padre e o *yapacanim* para guia de minha alma". O bello gavião é pois o "correio das almas", ao qual se referiu S. Rita Durão, no Caramurú, estr. 36.

Apapá — Peixe de escama da Amazonia, ao qual J. Verissimo se refere, dizendo que é pescado como o "Tucunaré", por meio de anzol enfeitado com "mosca", que o pescador faz correr á flor d'agua.

Apeguava — O mesmo que "Peguava".

Aperema — O mesmo que "Jabutí aperema"



Apiacá — Maribondo, isto é vespa social do Norte do Matto Grosso, muito temido pelas suas ferroadas. Não conhecemos a especie, nem o feitio da “caixa” ou ninho, da qual, pelo que dizem os viajantes, ninguem se approxima impunemente.

Apiary ou “A p a i a r y”. E’ “peixe do matto” (da agua doce) do Pará.

Apitan — Goeldi registrou essa denominação, dada pelos indios Tembés, ao urubú commum; outros auctores o tem copiado, omitindo porém a restricção, quanto á sua origem.

De facto nunca vimos esse nome em outros escriptos, baseados em observação directa.

Arabaiana — Peixe do Mar, do qual, segundo estatística official (Voz do Mar N. 47) as vezes apparece grande quantidade no mercado do Rio Grande do Norte.

Aracambé — Pronuncia paulista (caipira), por “J a - g u a r a c a m b é”.

Aracanguira — Designa na Bahia um peixe do mar da fam. *Carangideos*, do genero do “Charré o”, *Caranx crinitus*. (*Alectris ciliaris*) Suas nadadeiras ventraes, anal e dorsal posterior, tem os raios anteriores muito compridos, maiores que o proprio corpo e denegridos. O colorido é azulado em cima, prateado inferiormente.

Aracaroba — Peixe do mar da Bahia (Itaparica).

Aracú — Peixes d’agua doce da fam. *Characideos*, principalmente do genero *Leporinus*, na Amazonia, e que correspondem ás “Piavas” do Sul.

Araçary — E’ a denominação das aves da fam. *Rhamphastideos*, cujo porte é menor que o dos “Tucanos” e com plumagem geralmente verde no lado dorsal e amarellada e bruno-avermelhada no lado ventral e com varias outras combinações (ao passo que nos “Tucanos” a côr fundamental é preta). A nomenclatura popular distingue apenas as duas especies adiante mencionadas, que aliás correspondem a dous generos distinctos (*Selenidera* e *Andigena*); o genero *Pteroglossus* comprehende os “Araçarys” communs (10 especies). Não deixaremos de salientar uma especie muito curiosa (*Pt. beauharnaisi*), da Amazonia, cujas pennas da cabeça são transformadas em curiosas laminas corneas, finas e em parte enroladas ou encrespadas.



Araçary-banana ou “Tucaninho” — *Andigena bailoni* é do Sul do Brasil. O colorido do dorso é bruno-azeitona, a rabadilha vermelha e o lado anterior amarello-ouro; o bico tem ponta verde, a parte alta é azulada e uma malha côr de sangue guarnece sua parte posterior.

Araçary-pôca — Comprehende as 5 especies do gen. *Selenidera*; o bico, ornado de linhas pretas, tem entalhos na margem, formando cinco dentes de serra. A núca é enfeitada por uma fita amarella. Frequentemente o povo pronuncia: “S a r i-p ó c a”, esquecido, as vezes, da forma original da palavra.

Aracuan — Aves da fam. *Cracideos*, genero *Ortalis*. Ha varias especies na Amazonia, mas no Sul apenas *O. squamata*. Semelhantes aos “J a c ú s”, differem delles por terem uma linha de pennas na garganta, a qual nos jacús é inteiramente nua.

Aracy-ultra — Synonymo de “Uiratatá”.

Araguahy ou *Araguary* ou “Arua-y” (que parece corruptela, registrada por Goeldi). Ave da fam. *Psittacideos*, *Conurus leucophthalmus* do mesmo genero da “J a n d a y a”; a plumagem é verde uniforme, só os encontros das azas são vermelhos e as coberteiras internas amarellas. O bico e a zona nua ao redor dos olhos são côr de carne. Occorre em todo o Brasil.

Aramá — E' uma das abelhas sociaes mais communs em toda a Amazonia; no noroeste de Matto Grosso é conhecida pelo nome “V o r á b o i” ou “V o r á c a v a l l o”. Mais para o Sul não ocorre, e a denominação sulista “Vorá” ou Borá” corresponde a outra especie, effectivamente correlata *T. clavipes*. A “Aramá” nidifica em ôcos de arvores grandes; o tubo de entrada é largo e ás vezes bem comprido, feito de resina escura. A disposição interna é a normal. As abelhas são muito aggressivas e têm um forte odor resinoso desagradavel. O mel é azedo e enjoativo.

Aramaçá ou “A r a m a ç ã” — Peixe da fam. *Soleideos*; são em tudo semelhantes ao “L i n g u a d o s” do mar, mas vivem na agua doce — ou apenas temporariamente, como o genero *Achirus* na Amazonia, ou adaptados definitivamente á vida fluvial, como *Achiropsis* do rio Negro e dos rios de Goyaz. Mas o mesmo nome cabe tambem aos linguados do mar, como o demonstra a seguinte lenda: “Diz o povo que Nossa



Senhora perguntára certa vez ao peixe si a maré subia ou descia; essa pergunta o peixe arremedou grotescamente e com voz fanhosa "Aramaçá, a agua sobe ou desce?", pelo que foi castigado, ficando com a boca torta."

Aramandaia — E' em Pernambuco e na Parahyba a denominação do grande besouro da fam. *Curculionideos*, *Rhynchophorus palmarum*, que attinge 45 mm. de comprimento; o colorido é inteiramente negro e os elytros são estriados longitudinalmente. E' um dos varios coleopteros que damnificam os coqueiros e que assim causam serios prejuizos nos coqueiros do Norte. A planta soffre não só os estragos causados pelas larvas, como ainda os que determina a agua das chuvas, que penetra pelos canaes abertos, e em volta dos quaes o tronco apodrece.

Arancuan — Parece ser, em Matto Grosso, a pronuncia mais corrente, em vez de "Aracuan" (Severiano da Fonseca, Viagem).

Aranha — Comprehende, como denominação generica, os arthropodes Arancidas da classe dos *Arachnoides* (e portanto as aranhas não são insectos, como muitas vezes diz o povo). A essa mesma classe pertencem tambem os escorpiões, carrapatos, etc. que, todos, tem 4 pares de pernas e cabeça não destacada por pescoço. As aranhas (ordem *Araneidas*) distinguem-se pelas 4 ou 6 verrugas abdominaes ou "fiandeiras", das quaes brotam outros tantos fios, que a aranha reúne em um só. Existe em nossa fauna, certamente, ainda muito maior numero de especies do que as 3.000 que até hoje foram assignaladas nas 35 familias. Pelo modo como realizam suas caçadas, distinguem-se dois grandes grupos de aranhas: as "sendentarias" e as "vagabundas". As primeiras, que tem por typo a aranha commum das casas (fam. *Phlocideos*, gen. *Blechnoscelis*) constroem teias; cada especie adopta um padrão typico e assim, só pelo aspecto da teia, muitas vezes é possivel classificar a aranha.

As aranhas "vagabundas" servem-se das fiandeiras apenas para envolver os ovos em saccos ou bolas, que em geral a femea carrega comsigo; não constroem teias e, ao em vez de esperar a caça na armadilha, apanham-na de surpresa, aos pulos; taes são as grandes "caranguejeiras" e os pequenos "meirinhos".

Muitas são as especies de aranhas venenosas, algumas notoriamente perigosas; assim de todas convem desconfiar



Devemos desde logo accrescentar que a opinião popular de que as nossas aranhas mais temíveis sejam as grandes "Caranguejeiras", é erronea, pois entre os 30 accidentes devidos a aranhas, observados pelos auctores abaixo citados, nem um só foi attribuido á caranguejeira e quasi todas ás duas especies que descreveremos a seguir.

Graças aos estudos meticulosos dos Drs. Vital Brasil e J. Vellard, sabemos que no Est. de S. Paulo, pelo menos, as duas especies, que mais frequentemente determinam accidentes, são *Lycosa raptoria* e *Ctenus nigriventer* (veja-se Memorias Inst. Butantan, Vol. II 1925 e Vol. III, 1926).

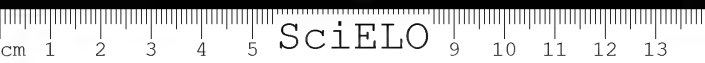
Lycosa raptoria mede 30 mm. de corpo ou 70 mm. medido entre as pontas das extremidades); o macho é um pouco menor. O colorido é pardacento e as vezes o desenho do cephalothorax e do abdomen é bastante nitido. A formula ocular é $4 \times 2 \times 2$. Habita as casas velhas e jardins, occultando-se de baixo de pedras, paus podres, etc. A femca carrega o cocon de ovos, colado ás fiandeiras.

Os accidentes determinados por esta especie caracterizam-se pela acção necrosante do veneno, de effeito apenas local e cutaneo, sem alteração notavel do pulso e da temperatura. Num accidente muito grave determinado por esta especie, um ménino teve uma larga ulceração na barriga e que poz a nú os musculos subventraes, deixando temer uma eventração. Depois de duas applicações de sôro, a ferida cicatrizou.

Ctenus nigriventer mede 35 mm. de comprimento (110 mm. de ponta a ponta das extremidades); a formula ocular é: $2 \times 4 \times 2$, as patas mostram series de espinhos, implantados em pontos brancos. Quando é atacada, toma uma attitude ameaçadora, levantando as patas anteriores, prompta a pular. E' bastante frequente em S. Paulo e varios outros Estados. O veneno desta especie possui uma acção muito energica sobre o systema nervoso, caracterizada por dores intoleraveis com paroxysmos, cainbras, tremores, suores, pulsação rapida e irregular. Não ha medicamento efficaç a não ser o sôro especifico.

Impossivel é dizer qualquer cousa, em resumo, sobre as innumeradas especies de aranhas da nossa fauna. Citaremos, apenas, ao acaso, alguns exemplos, dos mais typicos.

Heteropoda venatoria é grande, chata, e gosta de morar nas casas, apparecendo á noite para caçar insectos; mas não faz teia; é especie cosmopolita. Sujam os angulos das paredes com suas teias os *Pholcideos* do gen. *Blechnoscelis*, de pernas muito longas; pernas não tão compridas tem as do gen. *Theridium*, cuja teia é armada horizontalmente. No





jardim vê-se frequentemente a teia muito característica da *Argiope argentata*; no meio da tela pousa a aranha, que junta os pés de tal forma (o 1.º com o 2.º, o 3.º com o 4.º) que parece ter ella apenas 4 extremidades ao todo; e em continuação a estas prosegue na teia um enfeite de fios prateados, em zig-zag, que caracterizam a tela. Ao genero *Nephila* pertencem outras especies conhecidas, de abdomen grosso e ornado de côres vivas; suas grandes teias agglomeram-se ás vezes nos beirões das casas e caracterizam-se por serem providas, na parte superior, de um grande tubo sedoso, onde em geral a aranha (*Nephila cruentata*) permanece, á espera da caça.

Mas nenhuma outra aranha infeia tanto as casas como as pequenas especies de *Dictyna*, tão frequentes no interior do Estado de S. Paulo, onde borram as paredes das casas, fazendo teias do tamanho de uma moeda e na qual depois se junta a poeira, de modo a parecer que a parede fôra borrifada com pequenos pelotes de barro. Lindo colorido tem algumas aranhas do grupo dos *Laterigrados* (andam para o lado e para traz, como os caranguejos); não fazem teias e caçam pulando; vivem de preferencia junto ás flores e assim se explica terem colorido adaptado a estas.

Aranha do Mar — Crustaceo marinho, *Decapodo brachyuro* da fam. *Inachideos* (*Leptopodia sagittaria*), de longas pernas e carapaça angulosa, triangular, alongada na frente em forma de rostro pontudo.

Arapapá — ou “Aratayassú” “Tamatiá” (ou “Savacú” no Araguaya) ou impropriamente “Colheireiro” (nome este pelo qual todos conhecem a outra ave, de bico realmente alargado, em forma de colher) da fam. *Ardeideos*, *Canceroma cochlearia*. O bico é grande, largo, convexo em cima, plano em baixo, comparavel, talvez, a uma canoa virada. A cor é cinzenta, com barriga castanha no meio, preta nos lados; o vertice é preto, a fronte, a face, garganta e pescoço anterior são brancos; o peito é bruno amarellado.

Arapassú — ou “Uirapassú” e “Pica-páu vermelho” na Amazonia, são passarinhos da fam. *Dendrocolaptideos*, taes como as especies comprehendidas nos generos *Xiphocolaptes* e *Picolaptes*.

Caracterizam esses generos as pennas caudaes muito duras, que auxiliam o corpo a se manter pousado, como o faz o pica-pau, nos troncos verticaes.





Tal qual como essas aves, o “arapassú” trabalha de “carapina”, martellando com o bico duro nas cascas das arvores, em procura de insectos.

Na Amazonia, segundo J. Coutinho de Oliveira (Lendas Amazonicas), conta-se o seguinte da famosa “raiz do Uirapassú”: O passaro conhece uma raiz, que abre todas as cousas; quem quizer possuil-a, tapa o ninho da ave e o uirapassú vae logo buscar a tal raiz, para salvar os filhotes; então espanta-se a ave, que deixa cahir a raiz magica. Com auxilio desta pode-se sahir da cadeia, ou apoderar-se de thesouros, sem ser percebido.

Como se vê, o passaro, por ser “quasi” pica-pau, entra no cyclo das aves que attrahem a felicidade. Comtudo não foi feliz a quasi associação destas aves com a lenda do “Uirapurú”, como a expoz João Ribeiro (Lingua Nacional, pg. 154); esta ultima é lenda genuinamente amazonica, ao passo que a do pica-páu e, como o expoz o douto philologo patricio, é certamente de origem européa.

Talvez, porém, o caso se explique com uma simples rectificação: leia-se “uirapassú” em vez de “uirapurú”; desta forma não ha necessidade de associar lendas tão heterogeneas.

Arapassú de bico curvo — Passaros da mesma familia que os precedentes e semelhantes a elles, mas de bico muito longo e curvo (gen. *Xiphorhynchus*).

Araponga — ou “Ferreiro”. Passaro da fam. *Colinidae*, *Chasmorhynchus nudicollis* no Brasil meridional, e *Ch. niveus* na Amazonia. O macho tem plumagem inteiramente branca e só a zona nua da cabeça, isto é fronte, face e garganta, são de côr verde. A femêa é verde azeitonada em cima e amarellada com manchas escuras no lado ventral; o vertice e a garganta são pretos.

Quem conhece o nosso sertão, dirá connosco que é a araponga que completa o quadro dos dias de canicula, quando tudo repousa; só do alto da perobeira resoam as notas metallocas que tão bem imitam o trabalho do ferreiro na bigorna: a principio ouvem-se as pancadas espaçadas, bem claras, e por fim algumas mais apressadas e arrastadas, correspondem ao ranger da lima sobre ferro. E' tal a poesia que nos evocam estas notas, que ao ouvir o “ferreiro”, logo nos sentimos transportados ás paragens longinquoas da roça. Mas, com franqueza, é de arrepiar os nervos, quando o visinho, na cidade, teima em manter na gaiola uma araponga, que neste caso só augmenta o barulho, que nos cança os ouvidos e nos torna neurasthenicos.



Interessante é o seguinte conto, muito conhecido, graças á vulgarização que lhe deu o Visc. Taunay (Silvio Dinarte) 1879 e, ao que parece, baseado em nosso folk-lore: “Certa vez, por uma duvida qualquer, a araponga desafiou a onça para um duello singular: venceria quem gritasse mais forte e assim assustasse o outro. A onça começou e, com urros retumbantes e medonhos, fez tremer as arvores e afugentou toda a bicharada — só a araponga, fingindo valentia, nem piscou. Por sua vez o passaro teve de se exhibir. Mas começou elle muito calmamente a fazer soar notas plangentes, semelhantes á do aço tangido de leve pelo martello e tão suave pareceram á onça aquelles sons harmoniosos, que ella baixou a cabeça, fechou os olhos e cochilou. Era o que a araponga queria — bruscamente sua voz mudou e um guincho estridente, fez a onça acordar, sobresaltada. Foi assim que a araponga venceu”.

Araponguinha — Passaro da fam. *Oxyrhamphideos*, *Oxyrhamphus flammiceps*; verde com topele escarlate, em baixo amarello com manchas pretas. Têm egual nome ainda varias outras especies de passaros da fam. *Cotingideos*, e com mais propriedade, porque se assemelham mais á verdadeira “Araponga”; taes são as especies do gen. *Tityra*, tambem chamados “Cangica” ou “Araponguira” cujo macho é branco cinzento, com cabeça, azas e cauda pretas.

Arapuá — O mesmo que “Irapoã”.

Arapurú — O mesmo que “Uirapurú”.

Arapussá — Registramos o termo com certa duvida, temendo haver confusão com “Aiussá”. Como “Arapussá” nos foi designada a tartaruga *Podocnemys lewyana*, do mesmo genero que a “Tracajá” porem menor; talvez a denominação se applique ás varias especies de *Podocnemys* enquanto pequenas. Insistimos, porem, na possibilidade de se trata apenas de má graphia por “Ayussá”.

Arára — Aves da fam. *Psittacideos*, genero *Anodorhynchus* e as especies maiores do gen. *Ara* (as especies menores desse ultimo genero são “Maracanãs”); veja-se tambem “Canindé”.

Si os papagaios em geral, em todo o mundo, attrahem a attenção de todos — mesmo daquelles que não costumam “perder tempo” com bichos de nenhuma utilidade — com razão os maiores representantes dessa familia privilegiada tem



renome especial. São notáveis as dimensões do corpo e em especial do bico, bem como o comprimento da cauda, cujas pennas mais longas medem pouco mais de meio metro, perfazendo assim mais da metade do comprimento total dos espécimens maiores; distingue-os também o colorido, em que só prevalecem as cores mais vivas e estridentes: vermelho, amarello e azul, e, aliando a tudo isto uma vivacidade estrepitosa, estas aves, desde os primeiros dias da vinda dos europeus ao nosso continente, foram assignaladas como particularmente características do paiz. Já antes disso os índios lhe testemunhavam sua admiração, arrancando-lhes as enormes pennas, para uzal-as como supremo adorno, entre as variadas plumas de sua indumentaria. E ainda essas pennas vistosas — como leval-o a mal ao patriarcha recém-estabelecido? — vieram a substituir, nos tempos coloniaes, as pennas de ganso incolores, sem realce; pois com a rutilante penna da arára assignava-se então... de cruz, ás vezes, e o proprio principe Wied, que viajou pelo Brasil em fins do periodo colonial, ainda viu esses lindos instrumentos de escripta em uzo commum.

Fóra do tempo da procreação, as aráras vivem em grandes bandos, enfeitando magnificamente as extensas florestas; varias são as fructeiras que visitam, dando preferencia, em geral, ás de fructos com casca dura, que seu bico, rijo como uma tenaz, estala e móe. Só a essas horas de banquete cessa a algazarra estridente e ensurdecadora que, durante o vôo e o repouso, de longe, trahe o bando. Hoje em dia, porem, já não é espectaculo que qualquer viajante possa presenciar, pois é preciso buscar o sertão bravo, as longínquas florestas, distantes dos povoados e das estradas de ferro. Em quasi toda a Serra do Mar já agora não ha mais aráras — quando em 1818 Natterer ainda obteve “*Canindés*” no proprio reconcavo do Rio de Janeiro.

Seu ninho fazem-nos as aráras, de preferencia, em ôcos cavados no alto do tronco de palmeiras; como, porem, a ave só excava um espaço que dê abrigo ao corpo propriamente dito, a longa cauda fica pendendo para fora, como fita de côr a assignalar o ninho a quem o queira procurar. Os índios, por este indicio, facilmente encontram a ninhada (E assim o vemos relatado na lenda que transcrevemos sob “*Cunaurú*”). A. Miranda Ribeiro figurou, porem, um ninho da arára Canindé, que mostra a ave no fundo de uma grande excavação vertical, feita no tronco de um burity. Como a ave consegue sahir, sem dobrar as pennas caudaes?

Todas as especies de aráras grandes aprendem a falar, porém, em comparação com os papagaios legitimos (do gen.



Amazona), imitam com mais difficuldade a voz humana; sua pronuncia é muito mais “carregada”, menos clara e tambem raramente chegam a formar frases longas; em compensação, faltando-lhes palavras nossas, recorrem logo ao estridente *a-rá-ra*, origem de seu nome onomatopaico, que porem nem todas as especies pronunciam com igual clareza.

Arára-canga — ou:

Arára-piranga — São as especies de aráras nas quaes predomina a cor vermelha: *Ara macau* e *A. chloroptera*; esta ultima tem, na parte nua da cara, varias linhas de penas, emquanto que *A. macau* tem apenas cerdas esparsas.

Arára azul ou:

Arára-unã — *Anodorhynchus hyacinthinus*, distingue-se pelo colorido inteiramente azul intenso; só as regiões nuas da face são amarellas. É o maior dos nossos *Psittacideos*, pois chega a medir 1 m. 15 de comprimento. Lembraremos que na nomenclatura scientifica a mesma palavra *ararauna* foi empregada, erradamente, para designar uma especie muito differente, conhecida por “Canindé”.

Arára vermelha — O mesmo que “Arára-piranga”.

Aráramboia — Cobra da fam. *Boideos*, *Boa canina* (e provavelmente tambem *B. hortulana*, que pouco differe; veja sob “Salamandra”). Convem notar que até ha pouco estas especies tinham o nome generico *Corallus*, emquanto que a “Giboia” (antigamente *Boa*) é hoje *Constrictor*. As aramboias distinguem-se facilmente das outras cobras da mesma familia, (giboia e sucury) por terem sulcos labiaes muito evidentes, tanto no maxillar superior como no inferior; o sulco começa um pouco antes da orbita e vae terminar no angulo da boca, passando por sobre o meio das placas labiaes. Attingem dois metros e meio de comprimento e parecem viver de preferencia trepadas nas arvores. São especies do Norte do Brasil, comquanto cheguem até o Est. de S. Paulo, no litoral.

Araruá — Peixe da Amazonia (citado por Alberto Rangel, sem classificação). Talvez má graphia de “Araruaná”?

Ararypirá — Peixe do Amazonas (“tem olhos muito abertos” — Alb. Rangel).



Aratanha — E' em Sergipe, um camarão da agua doce, que apparece em cardumes. Falta ainda a comprovação zoologica dessa informação, registrada na Rev. do Museu Paulista Vol. II, pag. 427.

Aratauí — O mesmo que "Iratauí".

Arataya ou "Aratayassú" — o mesmo que "Aratapá".

Aratinga — Diz Goeldi que na Amazonia o povo dá esse nome generico aos periquitos "que apresentam preponderancia de cor verde para o amarello". (Talvez os especimens que os amadores designam como "contrafeitos").

Aratú — Comprehende varios crustaceos marinhos, *Decapodos brachyuros*, da fam. *Grapsideos* (generos *Grapsus*, *Sesarma*, *Goniopsis*). Mais geralmente é conhecido por esse nome, ou por "Marinheiro" o *Aratus pisoni*, pequeno, de carapaça quadrada, trapezoidal, de cor acinzentada. E' muito agil e vive no mangue, onde trepa com facilidade até os ultimos ramos das plantas. Em algumas regiões é procurado como alimento, como nol-o informou tambem o Dr. A. Neiva: "No reconcavo bahiano o "aratú" é apanhado em grande quantidade para a alimentação. Procede o pescador da seguinte forma: depois de ter juncado o solo com folhas de mangue, que são excellente chamariz, de cima de um tronco do mangue, armado de um barbante tendo na extremidade uma isca de carne, passa a pescal-os, lançando-os em seguida dentro de uma lata de kerosene, a qual facilmente se enche".

Aratubaia — Peixe do mar da Bahia; em Itaparica alistam-no como "Pampo", diverso do de espinha molle. O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) registra-o como "peixe de costas cinzentas e barriga branca, não tem dentes e vive no fundo".

Arau — E' o nome tupi da "Tartaruga da Amazonia".

Arauaná — ou "Aruaná" (ou "Carapaná"? em Goyaz, como escreveu Henrique Silva) — Peixe de escama da agua doce, da fam. *Osteoglossideos*, com a unica especie amazonica *Osteoglossum bicirrhosum*. E', sob varios aspectos, emulo do "Pirarucú" — representantes unicos de familias aberrantes e que, em meio da fauna hodierna, representam typos remanescentes de outras éras.



Contudo o “Arauaná” não tem a importancia economica do pirarucú. Caracterizam-no o feitio das extensas nadadeiras dorsal e ventral, que, começando no meio do dorso e da barriga, vão attingir a base da caudal. O colorido predominante é branco-prateado, com reflexos vermelhos e o disco das grandes escamas lateraes é verde, margeado por tons dourados. E notavel a presença de barbilhões (pois não os tem nenhum outro peixe de escama, da agua doce, em nossa fauna). Attinge mais de 1 metro de comprimento e a carne é muito saborosa. Parece ter sido verificado que a mãe, para proteger os filhotes, os recolhe á boca em occasiões de perigo.

O aruaná, diz J. Verissimo, é um peixe, por assim dizer, de superficie. Anda pelas primeiras camadas d’agua e em bandos apparece nas beiradas quasi á tona, offerecendo assim facil presa á frecha, á fiska e até á espingarda, que o matam tambem a tiro. De anzol, porém, para pegal-o é preciso, que o anzol não afunde.

Isto conseguem com o caramury — uma boia cylindrica de uns 10 cm. de comprimento por 3 ou 4 de diametro e da madeira leve caramury, que dá o nome ao instrumento; este retém o anzol iscado em altura alcançavel do peixe. Ou lançam toda a linha para o meio do sitio em que pescam ou a enrolam no caramury e atiram ao longe, esperando na canoa prompta que o peixe “pegue”, o que a boia, sumindo-se de repente ou correndo pela superficie, mostra.

Atiram-se a ella com a canoa ligeiramente remada e agarrando-a colhem o peixe preso pelo anzol.

Arauna — pronuncia amazonica por “Grauna”. Ety-mologicamente estaria certo (*ara ave, una preta*); mas o povo consagrou, em quasi todo o paiz, “Grauna”: *guira* (ave) *una*.

Arecó — Veja sob “Ariocó”.

Areiacó — Pronuncia bahiana por “Ariocó”.

Arêrê — O mesmo que “Irêrê”.

Aribú — Deturpação, ou pronuncia dos negros, por “Uru bú”.

Ariocó ou “Arecó” ou como tambem vimos em lista de peixes de Itaparica, “Vermelho areiacó” é a denominação de um peixe do mar, da Bahia ao Rio Grande do Norte. Parece que, em geral, não avulta entre o pescado. Não





SciELO

lhe conhecemos o nome scientifico; como “Vermelho” pode ser da fam. *Lutjanideos* ou *Haemulideos*, que abrangem ambas varias especies desse nome e colorido.

Ariramba — Na Amazonia é o nome das diversas especies de “Martim-pescador”.

Ariramba da matta virgem — Designa na Amazonia as diversas especies de “Beija-flores da matta virgem”, como são conhecidos no Sul, ou “Cuilêlão”.

Ariranha — Carnivoro da fam. *Mustelideos*, *Pteronura brasiliensis*, semelhante á “lontra”, porém maior, alcançando alguns especimens 2m.40 de comprimento total (a cauda mede quasi um metro). A cor é igual á da lontra, porem a barriga é menos clara e o focinho não é nú, mas coberto de pellos e a cauda é achatada em toda extensão, quando na lontra ella só o é na ponta. A ariranha habita os grandes rios de todo o paiz, inclusive a Amazonia, ao passo que a lontra vive no Brasil meridional. Aquella differe tambem desta, por levar vida diurna, emquanto que a lontra é animal nocturno. A pelle da ariranha é, como a da lontra, muito apreciada como tapete ou agasalho, principalmente quando caçada no inverno, porque então lhe cresce um reforço de pellos curtos e densos, que a torna macia, e, ao ser preparada, ainda se lhe arrancam os pellos mais grossos. As ariranhãs gostam de viver em bandos e nadam pelo rio, não raro fazendo uma grande barulheira semelhante á dos gatos, cuja voz imitam. Nadam optimamente e, mergulhando, caçam peixes, que vão devorar em terra. Os peixes menores são devorados inteiros, ao passo que dos maiores regentam a cabeça e a espinha.

E' preciso ser bom atirador, para poder com algum successo ir á caça das ariranhãs. De longe approxima-se, vindo rio a baixo, um ponto negro, que fende as aguas como a quilha de um barco invisivel. Bastaria esse alvo ao caçador; mas antes de poder elle disparar o tiro, a ariranha sumiu-se de todo nas profundezas e quando, algum tempo depois, ella reaparece, por um instante apenas, para respirar rapidamente, ainda uma vez o tiro resvala na agua. Se ainda assim, por muita sorte do caçador, o animal é ferido, este naturalmente afunda e quasi sempre se perde.

Arlequim — Na literatura entomologica alguns auctores uzam esta denominação, copiado do francez, para designar o grande coleoptero da fam. *Cerambycideos*, *Acrocinus longimanus*. Não sabemos se o nome tambem já é empregado pelo povo.





Trata-se de uma das espécies de besouros mais característicos da nossa fauna. Suas dimensões (da fêmea, sempre maior) alcançam 9 cm. de corpo e 30 cm. medindo as grandes pernas anteriores, extendidas; as antennes são ainda um pouco mais longas. O colorido fundamental é preto, entrecortado por um mosaico irregular, de faixas cinzento-prateadas e em parte recobertas por vermelho-tijolo, quasi encarnado. Ha uma especie um tanto semelhante, menor, *Macrophora accentifer*, cuja larva broca as larangeiras.

Arlequim — Os criadores de canarios assim denominam o hybrido obtido pelo cruzamento do “c a n a r i o d a t e r r a” com o *do reino* (Inf. Fausto Lex.).

Arranca-milho — Veja sob “G r a u n a”.

Arraia — O mesmo que “R a i a”.

Aruá — Segundo Teschauer (Novo vocab. Nac.) designa uma especie de sapo em Minas Geraes. Não temos confirmação zoologica.

Aruá — No Brasil Central é este o nome do “J a c a r é g r a n d e”. Veja-se tambem “Arurá”.

Aruá ou “U r u á” — No Norte do Brasil é o nome de varios molluscos, caracões da agua doce. Assim Arthur Neiva (Viagem scientifica pg. 15), cita a *Paludina* com esta designação vulgar; recebemos de Pernambuco diversas *Ampullarias* com o mesmo nome. Parece que a denominação se estende aos diversos molluscos que põem pequenos ovos roseos ou vermelhos, formando um agglomerado de contas, que envolvem em forma de bola os caules das plantas aquaticas ou então são depositados sobre pedras; prevalece, pois, a applicação de “a r u á” ás *Ampullarias*. V. Chermont Miranda dá o nome de “Uruá” (aliás apenas uma variante phonetica) a “um caracol abundante nos campos baixos do Marajó”. O gavião conhecido por “C a r a m u j e i r o”, chama-se no Norte “Gavião de uruá”. Leonardo Motta (no elucidario dos “Cantadores” p. 367) registra: “besta como aruá” = muito tolo. O. Monte diz ser o Aruá “muito apreciado, no Norte, como excellente prato”.

Aruaná — O mesmo que “Arauaná”.

Arumará — Em Alagoas e em Pernambuco é o mesmo que “G r a u n a”.
lhos, formando uma agglomerado de contas, que envolvem em



Arurá - No sertão paulista também é usada esta denominação (como já assignalamos sob "Arurá" para o Brasil central) applicada ao "Jacaré-ássu".

Assobiadeira — Marreca, *Nettion flavirostre*, do Rio Grande do Sul, pertencente ao mesmo genero da "Ananahy". É bruno cinzenta em cima, com faixas pretas transversaes na cabeça, o lado inferior é esbranquiçado, com grandes manchas pretas no peito. Sobre a aza passam duas faixas amarellas.

Assobiador -- Goeldi conheceu por este nome, na Serra dos Orgãos, o grande passaro da fam. *Cotingideos*, *Tijuca nigra*, de 27 cm. de comprimento, cujo macho é todo preto, com excepção de uma mancha amarella nas azas e do bico alaranjado; a femêa é uniformemente verde-escura.

Seu assobio tem certa semelhança com o do "Sacy"; compõe-se porém, de tres syllabas em tons ascendentes. Vive nas mattas da Serra do Mar.

Assoprador - No Matto Grosso é o mesmo que "Boto da Amazonia".

Atá — "Andar ao atá" — Modismo brasileiro, que aqui registramos, unicamente para chamar a attenção do leitor á origem da expressão, que se refere, na accepção primitiva, a um habito curioso dos caranguejos (veja sob este vocabulo).

Atangará — Na Amazonia, por "Tangará". Applicam essa denominação a varias especies de passaros da fam. *Piprideos*, generos *Pipra*, *Manacus*, etc., quando no sul "Tangará" designa apenas as especies propriamente dan-sarinhas.

Atapú ou "Uatapú" ou "Guatapy". — No Norte do Brasil é um grande caramujo marinho, do qual os jagadeiros se servem como buzina (*Volula*). O nome primitivo em guarany é "guatapy".

Aterroadas -- Nome dado na Amazonia aos monticulos de argilla, que certas minhócas accumulam ao redor dos buracos em que vivem, nas terras alagadas. Com a secco esses monticulos endurecem e não só encommo-dam e difficultam a marcha, como também estragam as pastagens. Em sentido mais amplo, o termo abrange também os monticulos levantados por cupins ou por formigas.





Atobá — O mesmo que “Mergulhão”.

Auary — O mesmo que “Avary”.

Avary ou “Auary” — Pequenos peixes do rio Madeira, da fam. *Characideos*, e ao que parece, pertencentes a varios generos: *Creagrutus*, *Aphiocharax*, etc.

Aves e Passaros — Pouca gente costuma fazer distincção, com valor classificativo, no emprego destes vocabulos, peculiares á nossa lingua, e á hespanhola. O francez emprega indifferentemente *oiseau*, tanto ao designar o avestruz como o pardal e da mesma forma *Vogel* em allemão e *bird* em inglez, applicam-se a qualquer vertebrado plumado. Ninguem, falando correctamente nossa lingua, dirá que a ema, o gavião e o papagaio sejam passaros. “Passaros são as aves pequenas”, temos ouvido definir. Estará certo? O bentevi é um passaro, mas a rolinha, muito menor, póde ser chamada assim?

Certamente que não, pois a rola é uma pomba e os representantes desta familia não são passaros, porém aves, como as gallinhas. Verificamos, pois, que ha, como acima dissemos, valor classificativo nestes dois vocabulos, ou, mais exactamente, em um destes vocabulos. Aves são todos os vertebrados plumados, inclusive os passaros; estes porém constituem um determinado grupo zoologico das aves, conhecido na nomenclatura scientifica como constituindo a Ordem dos *Passeriformes* (e que o allemão conhece por “*Schrei-u. Singvögel*” e o inglez por “*Pershing-birds*”).

Só por esta forma podemos regular o emprego exacto dos dois vocabulos, devendo-se deixar de lado a noção do tamanho, pois que nos induzirá em muitos erros. Além do exemplo já citado, lembraremos ainda os pequenos “*Tuins*”, do grupo dos papagaios, e de dimensões bem menores do que muitos passaros, como os sabiás, a araponga ou os grandes japús.

Pelo mesmo criterio tambem não são passaros os minusculos beija-flores, cujos caracteres zoologicos os fazem pertencer á ordem dos *Coraciformes*, juntamente com o “Martim-pescador”, as “Juruvás”, os *Curianos* e os “*Taperussús*”.

Os dois exemplos acima, frizam bem a questão: ninguem dirá que o pequeno parente dos papagaios seja passaro — mas quanto aos pequenos beija-flores ficarão em duvida aquelles que não de desprenderam ainda, de todo, do criterio das relativas dimensões. Constatemos porem, que já



é uzo generalizado dizer-se que os beija-flores são graciosas “avezitas” ou “avezinhas” e não passarinhos.

O emprego dos vocabulos *ave* e *passaro* deve pois ser regulado unica e estrictamente pelo criterio da classificação.

A definição zoologica da ordem dos Passeriformes é infelizmente bastante complicada, devido ás naturaes affinidades dos variadissimos generos aqui comprehendidos (das 1.600 aves brasileiras, quasi 900 são passaros). Em resumo caracterizamos os Passariformes como: “Aves cujo bico, de forma variavel, não tem membrana (cerca) na base; o tarso é desprovido de pennas; os pés tem 3 dedos dirigidos para a frente e 1 para traz; a unha do dedo posterior é mais forte que a dos dedos anteriores, dos quaes os dois interiores se acham ligados entre si, na base”. Por ser difficil ao leigo orientar-se, com segurança, baseado em tal definição, mencionaremos, a seguir, os typos caracteristicos das aves pertencentes ás demais ordens (e que portanto *não são passaros*): Avestruz, Gallinaceos, Inambús, Pombos, Aves aquaticas, marinhas e praieiras, Pernaltas, Palmipedes, Aves de Rapina, Bico-redondos (papagaios, etc.) Coraciformes (Martin-pescador, Jurúva, Curiangos, Taperussús, Beija-flores); Surucuás; Cucos (Alma de gato, Sacy, Anú), Tucanos, Pica-paus, João bôbo, Beija-flor da malta.

Avestruz — Designa propriamente a grande ave africana *Struthio camelus*, mas entre nós é vulgarmente applicado á especie correspondente da nossa fauna, a “Ema”.

Avinhado — ou “Curió” — Passaro da fam. *Fringillideos*, *Oryzoborus angolensis*, de corpo cheio e bico grosso, sendo o macho preto em cima e de cor castanha no lado inferior, ao passo que a femea é mais bruna no lado dorsal e mais amarellada em abaixo. E’ um dos melhores cantores da familia e sua distribuição natural se estende por todo o Brasil. Pertence ao mesmo genero o “Bicudo”.

Aviú — Na Amazonia designa os “Camarões d’agua doce”, principalmente no Tocantins, onde P. le Cointe os encontrou em abundancia.

Avoante — O mesmo que “Pomba de bando”.

Ayç — Denominação indigena e onomatopaica da “Preguiça”; é uzado as vezes pelos sertanejos amazonicos.





Aymoré — ou “A moreia” (Não sabemos qual seja a forma primitiva: moreia ou o nome da tribo indígena?). No Pará é o mesmo que “Mussurungo” no Sul.

Ayussá — Veja sob “A i a s s á”.

Aza branca — No Norte do Brasil é o nome da pomba *Columba picazuro*; veja “Pomba torcaz”. Goeldi registra o mesmo nome também para uma espécie de “A n a m b é” (*Xipholena lamellipennis*), mas a acepção mais generalizada é a referente á pomba.

Aza de telha — Denominação riograndense do “V i r a”, de azas castanhas, *Molothrus badius*.

Azulão — Como é natural, ha varias especies de passaros azues, aos quaes cabe este nome. No Norte chamam assim ao “V i r a”, de facto azul escuro, mas cuja femea é parda, *Molothrus bonariensis atronitens*; um “S a n h a s s o”, *Stephanophorus leucocephalus* (veja sob “Sanhaço frade”), é todo azul, mas a cabeça em cima, na frente, é preta, em seguida, no vertice, vermelha e mais atraz azul clara. Mais geralmente conhecido por “A z u l ã o” é o passaro da familia *Fringillideos*, *Cyanocompsa cyanea*, também chamado “G u a r u n d i a z u l” do grupo dos “P a p a - a r r o z”, azul, com fronte e encontro das azas mais claros; a femea é pardo-amarellada.



SciELO

